

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CLÁUDIA CRISTINA SANTANA NASCIMENTO ARAÚJO

**A INDISCIPLINA NA ESCOLA: UM OBSTÁCULO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM**

**Assunção – Paraguai
2019**

CLÁUDIA CRISTINA SANTANA NASCIMENTO ARAÚJO

**A INDISCIPLINA NA ESCOLA: UM OBSTÁCULO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira

**Assunção – Paraguai
2019**

CLÁUDIA CRISTINA SANTANA NASCIMENTO ARAÚJO

**A INDISCIPLINA NA ESCOLA: UM OBSTÁCULO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Aprovada em ____ de _____ de ____.

Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira (Orientadora)
Universidade Evangélica do Paraguai - UEP

Membro da Banca

Membro da Banca

Membro da Banca

Dedico a meu esposo pelo companheirismo e apoio dado a me, meus filhos, família, amigos, colegas, professores, enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido alcançar esse objetivo tão sonhado e almejado e dado-me paciência, força e coragem para poder enfrentar os obstáculos deparados no decorrer do curso e durante a realização deste estudo.

A meu esposo que me encorajou para a realização desse curso, por todo carinho nos momentos de angústia e compreender minha ausência.

A meus filhos por esta sempre me proporcionado força e coragem a não desistir.

A minha orientadora pela paciência, compromisso, incentivos e contribuições dadas.

E aos demais professores e colegas pelo companheirismo e incentivos dado ao longo do curso.

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade, colaboração e contribuição para o desenvolvimento desse estudo.

E a todos aqueles que de algum modo, contribuíram para o êxito deste trabalho.

No processo pedagógico, não se trata de substituir uma variedade por outra (porque uma é mais rica do que a outra, porque uma é certa e outra errada etc.), mas se trata de construir possibilidades de novas interações dos alunos (entre si, com o professor, com a herança cultural), e é nestes processos interlocutivos que o aluno vai internalizando novos recursos expressivos, e por isso mesmo novas categorias de compreensão do mundo. Trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões do mundo e modos de expressá-las (GERALDI J. W. apud BAGNO, 2007).

RESUMO

Em virtude do índice de crescimento da indisciplina na escola que conseqüentemente tem gerado evasão, repetência e, outros possíveis problemas em sala de aula é que decidir desenvolver a dissertação com a seguinte temática: “A indisciplina na escola: um obstáculo no ensino-aprendizagem”, que sob a ótica de dez professores, visou compreender como a indisciplina escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e a importância do trabalho de parceria entre pais, alunos e professores. Pois, se acredita que essa temática afeta diretamente no processo de ensino-aprendizagem e, é por meio desse interesse de investigação que o referido estudo baseou-se em uma pesquisa qualitativa, em que procurou as concepções dos professores acerca dessa temática desenvolvida, sobretudo como eles agem e atuam frente a esses acontecimentos cotidianamente. Como procedimento de coleta de dados, foram utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas com dez professores de uma escola pública de Guanambi-Bahia, no nível do ensino fundamental I, justificando que o objeto da pesquisa restringiu-se a escola pública em razão de possuir bem mais casos de indisciplina. Com isso, o estudo evidenciou que o problema da indisciplina escolar é algo estudado por diversos teóricos e, pelo que foi apresentado pelos professores em suas respostas nos questionários, ficou claro, a necessidade cada vez mais de reflexão e ação sobre este caso.

Palavras-chave: Alunos. Ensino-aprendizagem. Família. Indisciplina. Professores.

RESUMEN

Debido al índice de crecimiento de la indisciplina en las escuelas que, en consecuencia, ha generado evasión, repetición y otros posibles problemas en el aula, se decide desarrollar la disertación con el siguiente tema: "La indisciplina escolar: un obstáculo en la enseñanza-aprendizaje". , que desde la perspectiva de diez docentes, trató de comprender cómo la indisciplina escolar interfiere en el proceso de enseñanza-aprendizaje y la importancia de la colaboración entre padres, alumnos y maestros. Se cree que este tema afecta directamente el proceso de enseñanza-aprendizaje, y es a través de este interés de investigación que este estudio se basó en una investigación cualitativa, en la cual buscó las concepciones de los maestros sobre este tema desarrollado, especialmente como actúan y actúan frente a estos eventos a diario. Como un procedimiento de recolección de datos, se utilizaron cuestionarios con preguntas abiertas y cerradas con diez maestros de una escuela pública de Guanambi-Bahía, en el nivel elemental I, justificando que el objeto de la investigación se restringió a la escuela pública debido a que Mucho más casos de indisciplina. Por lo tanto, el estudio mostró que el problema de la indisciplina escolar es algo estudiado por varios teóricos y, debido a lo que los maestros presentaron en sus respuestas en los cuestionarios, quedó claro la necesidad de más y más reflexión y acción en este caso.

Palabras clave: estudiantes. Enseñanza-aprendizaje. La familia La indisciplina. Maestros

ABSTRACT

Due to the index of growth of indiscipline in schools that has consequently generated evasion, repetition and other possible problems in the classroom, it is decided to develop the dissertation with the following theme: "School indiscipline: an obstacle in teaching-learning", which from the perspective of ten teachers, sought to understand how school indiscipline interferes in the teaching-learning process and the importance of partnership work among parents, students and teachers. It is believed that this theme directly affects the teaching-learning process, and it is through this research interest that this study was based on a qualitative research, in which it sought the teachers' conceptions about this developed theme, especially as they act and act in the face of these events on a daily basis. As a data collection procedure, questionnaires with open and closed questions were used with ten teachers from a Guanambi-Bahia public school, at elementary level I, justifying that the object of the research was restricted to the public school because of having much more cases of indiscipline. Thus, the study showed that the problem of school indiscipline is something studied by several theorists and, because of what was presented by the teachers in their answers in the questionnaires, it was clear, the need for more and more reflection and action on this case.

Keywords: Students. Teaching-learning. Family. Indiscipline. Teachers.

LISTA DE GRÁFICOS

1	GRÁFICO 01: Indisciplina escolar.....	81
2	GRÁFICO 02: Indisciplina Vinculada a família.....	82
3	GRÁFICO 03: Família na escola.....	83
4	GRÁFICO 04: Contribuição da família para enfrentamento da indisciplina.....	84
5	GRÁFICO 05: programas sociais e formação continuada...	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

GDP - Grupo de Desenvolvimento Profissional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

PPP - Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Tema.....	14
1.2 Título.....	14
1.3 Problema.....	14
1.4 Problematização.....	14
1.5 Justificativa.....	14
1.6 Objetivos.....	15
1.6.1 Objetivo Geral.....	15
1.6.2 Objetivos Específicos.....	16
2. MARCO TEÓRICO	17
2.1 Marco Epistemológico.....	17
2.1.1 Uma abordagem histórica da família, escola e indisciplina.....	19
2.1.2 As políticas educacionais e o respeito à autonomia do aluno.....	24
2.1.3 Formação inicial e continuada dos professores para que tenham mais condição de lidar com situações de indisciplina.....	26
2.1.4 O papel da família como meio de buscar desenvolver estratégias de ações pedagógicas, a fim de enfrentar os desafios causados pela indisciplina.....	29
2.2 Marco Referencial	32
2.2.1 Indisciplina: Um Diálogo Entre Família e Escola.....	32
2.2.2 A atuação pedagógica do professor frente ao trabalho com a indisciplina.....	38
2.2.3 O trabalho pedagógico com a participação de pais, alunos e professores e a contribuição no enfrentamento da indisciplina.....	41
2.2.4 Famílias, escolas e indisciplina no processo educativo: buscando novas abordagens, novos significados.....	47
2.2.4.1 As contribuições de Zago, Afonso e Paixão no enfoque da analogia família e escola.....	51

2.2.4.2 A indisciplina a partir das perspectivas teóricas de Durkheim, Piaget e Vygotsky.....	53
2.2.5 A importância da escola e da disciplina no processo de ensino-aprendizagem no contexto social.....	55
2.2.6 As mudanças sociais que contribuíram para os problemas da indisciplina.....	58
2.2.7 Limites, disciplina e o papel da escola.....	63
2.2.8 A indisciplina escolar e a interferência no ensino-aprendizagem.....	65
3. MARCO METODOLÓGICO.....	68
3.1 Área de estudo.....	68
3.2 Objetos de estudo.....	70
3.3 Métodos.....	71
3.4 Problema e estatística.....	71
3.5 Procedimentos Metodológicos.....	72
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	73
4.1 Discussão de dados: o que dizem os professores sobre a indisciplina na escola e em sala de aula.....	73
4.2 Como os professores enfrentam a indisciplina em sala de aula.....	81
CONCLUSÃO.....	87
RECOMENDAÇÕES.....	89
REFERENCIAS.....	90
ANEXOS.....	95

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de MESTRADO, como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE, visou compreender como a indisciplina escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e a importância do trabalho de parceria entre pais, alunos e professores. Pois se acredita que essa temática afeta diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Para alavancar o estudo foi utilizado como ponto de partida um estudo de revisão bibliográfica sobre a temática, seguindo com a pesquisa qualitativa, a qual se buscava as concepções dos professores acerca dessa temática desenvolvida, sobretudo como eles agem e atuam frente a esses acontecimentos cotidianamente.

Como procedimento de coleta de dados, foram utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas com dez professores de uma escola pública de Guanambi-Bahia, no nível do ensino fundamental I, justificando que o objeto da pesquisa restringiu-se a escola pública em razão de possuir bem mais casos de indisciplina.

Seguindo tais premissas, ficou evidente a relevância de se discutir a indisciplina escolar pelos profissionais da educação, pela família também e, por todos envolvidos nesse processo educativo.

As pesquisas foram muito importantes porque foi possível aproximar teoria com a prática, na contribuição de um ambiente 'disciplinador'. Claro que isso não contribuirá com a extinção da indisciplina porque isso é algo que já existe há muito tempo e, não é algo recente.

Entretanto é possível proporcionar mais autonomia ao caso, refletir e propor ações nesse meio para que assim venha a proporcionar bons resultados escolares.

Para isso, a escola em geral, precisam dessa parceria coletiva. Sempre vão existir alunos indisciplinados e, é preciso ter a convicção de que é necessário que professores-pais-alunos-escola sejam interligados uns com os outros porque a solução não parte somente de uma pessoa e, sim de todos os envolvidos.

Dessa forma, o estudo teve por finalidade discutir a questão da indisciplina escolar que tem sido uma realidade frequente na escola, sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos. O estudo foi realizado na perspectiva exploratória e qualitativa, por meio de um estudo em campo, que consistiu de início o levantamento e análise das obras dos autores que discutem a temática e em seguida a realização da entrevista com educadores.

Tanto a família quanto a escola compartilham de um objetivo comum formar os educandos para o mundo. A motivação desta pesquisa assenta-se no questionamento sobre quais são as propostas educacionais que podem contribuir para resolver o problema da indisciplina que está relacionada à desordem, no desrespeito referente a normas de conduta e à falta de limites do aluno nas relações do cotidiano escolar.

Essa é uma realidade manifestada com frequência na escola, sendo uma das maiores dificuldades pedagógicas. Buscou-se verificar as ações e intervenções para a diminuição da indisciplina e como essas subversões influenciam no aprendizado escolar. Por outro lado, é possível minimizar os problemas da indisciplina por meio de um trabalho de parceria entre a escola, família e sociedade.

No entanto, existem algumas dificuldades nesse caminho que estão associadas aos fatores como a falta de tempo da família para participar mais da comunidade escolar e acompanhar o desenvolvimento do filho. É um trabalho de parceria escola-família, pois ambas são responsáveis pela formação de valores morais que integram o meio social e a atuação dos cidadãos.

Assim, o estudo demonstra a necessidade de meios de intervenções tanto para alunos e pais como professores e sociedade, porque o problema da indisciplina é também social que influencia no ambiente escolar e conseqüentemente na formação educacional.

1.1 Tema

A indisciplina na escola

1.2 Título

A indisciplina na escola: um obstáculo no ensino-aprendizagem

1.3 Problema

De que modo a indisciplina escolar interfere no ensino-aprendizagem e como o trabalho pedagógico com a participação de pais, alunos e professores podem contribuir no enfrentamento desse obstáculo?

1.4 Problematização

O trabalho pedagógico é complexo por lidar com indivíduos diferenciados, mas é possível, por meio da formação inicial e continuada, os educadores terem instrumentos para lidar com situações de indisciplina. Isso reflete também que em uma sociedade violenta, deve-se considerar a questão da indisciplina como consequência desse problema social. Por outro lado, a participação dos pais é um instrumento de contribuição nesse trabalho, pois o relacionamento entre escola e família pode ser um dos principais fatores motivacionais à aprendizagem dos alunos considerados indisciplinados na escola.

1.5 Justificativa

O presente trabalho tem como tema “A indisciplina na escola: um obstáculo no ensino-aprendizagem” pretende contribuir com as discussões no sentido de buscar ações pedagógicas no intuito de resolver o problema da indisciplina na escola. Assim, a proposta de estudo centrou-se na relevância da interação da escola com a família, da formação docente para lidar com essa

realidade dinâmica e desafiadora e também do estudo de políticas educacionais e das influências do meio social como a violência.

Diante desse obstáculo de ensino-aprendizagem que é a indisciplina escolar, torna-se relevante identificar as forças que impulsionam e retêm a dinâmica das ações e interações dos alunos dentro da sala de aula e a partir daí criar propostas viáveis à realização de uma prática pedagógica eficiente, que motive um ambiente escolar harmonioso no qual os alunos saibam se relacionar respeitosamente tanto dentro como fora da instituição, de modo a se tornar cidadão ativo e participativo na sua sociedade.

Este tema surgiu de estudos e discussões sobre o problema da indisciplina escolar em uma escola pública municipal de Guanambi-BA. Dentro dos diferentes problemas, cabe destacar a questão da indisciplina como motivo e inquietação na escola, gerando dificuldades no processo de aprendizado, não apenas do aluno indisciplinado como dos demais educandos.

A análise dessas situações empíricas da sala de aula, somada ao levantamento de dados e bibliográficos que tratam do tema proposto ajudarão a compreender melhor esses conflitos, buscando para o problema e servindo de auxílio a outros estudantes e profissionais da educação que convivem com essa dificuldade, na tentativa de aliviar as angústias e traumas decorrentes.

A indisciplina é um debate de uma realidade comum que tem atingido escolas brasileiras, tanto públicas como particulares, que tem colocado aos educadores o desafio de compreender as causas desse desvio de comportamento, o que ressalta a importância do estudo proposto.

1.6 Objetivos

1.6.1 Geral

Compreender como a indisciplina escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e a importância do trabalho de parceria entre pais, alunos e professores.

1.6.2 Específicos

Estudar o que as políticas educacionais trazem sobre o respeito e a autonomia do aluno;

Ressaltar a importância da formação desde a inicial para que os professores tenham mais condição de lidar com situações de indisciplina;

Discutir o papel da família como meio de buscar desenvolver estratégias de ações pedagógicas, a fim de enfrentar os desafios causados pela indisciplina.

2. MARCO TEÓRICO

O presente capítulo apresenta uma revisão bibliográfica, o qual fornece argumentações para a construção do referido estudo. Assim, neste capítulo é apresentada uma pesquisa bibliográfica coletada por meio de estudos de teóricos renomeados na área.

Neste capítulo é discutido sobre os casos de indisciplina acontecer em várias escolas, atingindo o trabalho dos professores como também a aprendizagem dos alunos. Assim sendo, é apontado como se deu o processo de origem indisciplinar, destacando que os pais principalmente são responsáveis por disciplinar os seus filhos, não sendo papel inteiramente da escola.

Seguindo com as políticas educacionais, enfatizando a autonomia como algo primordial no desenvolvimento do aluno, pois ele não ficará totalmente subordinado ao professor.

Também é ressaltado que a formação continuada de professores é imprescindível para o enfrentamento dos diversos problemas ocasionados no cotidiano escolar.

2.1 Marco Epistemológico

A indisciplina dentro do espaço escolar é um problema que atinge muitos professores e, demais profissionais da rede de educação na contemporaneidade.

A indisciplina é então algo discutido por muitos educadores, os quais dedicam parte de seu tempo para fazer cursos formativos em relação a isso. Isso se justifica talvez não só pela incidência de indisciplina escolar, como também é o momento desses educadores refletirem sobre o seu papel e pensar quais seriam as disciplinas.

Segundo o dicionário produzido por Ferreira (2008) a indisciplina significa um procedimento considerado contrário à disciplina. Isso leva a entender sobre os casos em que o educando fica subordinado ao educador,

uma ordem que impõe ao educando a se organizar e cumprir determinada regra.

É pertinente salientar que a indisciplina não se faz presente apenas no Brasil, ou seja, encontra-se também em outros países com culturas totalmente diferenciadas das brasileiras e, não se limita a nenhum nível de escolaridade seja da educação infantil até o ensino superior.

Ferreira ainda traz que a indisciplina pode ser algo presente em vários países, porém pode acontecer de forma diferenciada em razão de cada país ter os seus valores culturais diferenciados.

No Brasil especificamente, Aquino (2011) nos remete que a origem da indisciplina surge como tema de debate logo após os anos 90 e, quando ganhou essa atenção no campo educacional deu prosseguimento a diversos estudos sobre o caso, como também publicações em História, Serviço Social, História da Educação e Sociologia.

Nesse âmbito de originalidade, a indisciplina precisa ser pensada e estudada baseada em três fatos muito comuns a atual sociedade, isto é, na conduta dos educandos exercida nas atividades escolares tanto na escola ou não.

O segundo fato aparece na socialização e relacionamentos que os educandos exercem em relação ao professor, aos colegas, família, amigos e sociedade em geral. E, o terceiro momento, trata-se do desenvolvimento cognitivo dos educandos, ou seja, são as demonstrações feitas pelos educandos socialmente.

Em relação às mudanças ocasionadas ao longo do século XXI, percebe-se que o conceito de indisciplina vem se modificando e, na maioria das vezes, o educador é quem dita às regras a serem seguidas e, como forma de colocar ordem para o exercício de sua prática pedagógica.

A (in) disciplina escolar apresenta “atualmente, expressão diferente, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo afetivo” (GARCIA, 1999, p. 103).

De acordo ao citado acima, o educador que não recebe uma boa formação inicial e continuada, interfere muito na sua forma de pensar sobre o caso, o qual gera no reforço da indisciplina e, também na exclusão educativa.

Ainda “na busca dos determinantes da (in) disciplina, a influência de fatores extraescolares no comportamento dos alunos, na visão de muitos educadores, parece ocupar primeiro plano” (AQUINO, 1999, p. 90).

Nessa perspectiva, o autor nos remete a pensar que as vivências externas dos educandos na sociedade pode sim interferir no contexto escolar, isto é, aquele que sofre com as desigualdades econômicas, sociais, psicológicas, pode apresentar-se enfraquecido e, assim ser um educando indisciplinar.

Um dos causadores do enfrentamento da problemática disciplinar é que o educador não dispõe de uma concepção, de um método, de uma ferramenta eficiente. De um modo geral, está marcado pela concepção idealista: tem uma série de ideias bonitas sobre disciplina, mas não sabe por que não se consegue colocar em prática. Para isso concorre a falta de análise dos determinantes, a falta de clareza de mediações concretas, bem como a falta de interação entre estas três dimensões básicas (VASCONCELLOS, 1996, p. 17).

Através disso, fica claro, que nenhum indivíduo já nasce indisciplinado. Isso quer dizer que ela nasce e, a partir das relações sociais, econômicas que vai construir a percepção de comportamento de cada um delas.

A partir desses questionamentos sobre a sua origem epistemológica que parte de diversas opiniões, é perceptível a necessidade de ajustar o comportamento do educando na escola e sociedade também.

Em relação ao que foi apontada, a indisciplina pode sim interferir substancialmente no processo de ensino-aprendizagem do educando, como também na função exercida pelo educador e por isso, tem se tornado alvo para discussões nas reuniões entre pais por exemplo. Para isso, a escola não é a única responsável por disciplinar o educando.

2.1.1 Uma abordagem histórica da família, escola e indisciplina.

A família está presente em diversos contextos sociais, visto que, é o primeiro grupo que pertencemos, sendo fundamental na transmissão de valores que constituem a cultura, na formação e no desenvolvimento do ser humano.

Neste contexto “o ser humano é social por natureza, ele precisa do outro para sobreviver/desenvolver/aprender. O seu primeiro contato é com a família,

especialmente a mãe, símbolo de alimentação e segurança” (VYGOTSKY, 1998, p.36).

Assim, “é neste personagem que a criança começa o seu aprendizado, positiva ou negativamente” (WALLON, 1995, p.20). Antigamente a instrução dos filhos era dever exclusivamente da família, pois as crianças aprendiam com as experiências e informações transmitidas pelos mais velhos. “Esse conjunto de valores e ensinamentos técnicos transmitidos aos mais novos era suficiente para a sobrevivência na sociedade” (CUNHA, 2000, p. 447).

Embora a família funcionasse em um modelo patriarcal, o pai era autoridade máxima, considerava-se o chefe mais importante da origem, e todos tinham que obedecer. A mulher não tinha autonomia, era submissa aos seus maridos, e desvalorizada perante a sociedade, pois não tinha direitos de votar, trabalhar, sua única função era cuidar da casa e dos filhos.

Considerando ainda os estudos de Jacques Commaille (1997), a família é definida como:

A instituição jurídica e social resultante das justas núpcias, contraídas por duas pessoas de sexo diferente. Abrange necessariamente os conjugues, mas para sua configuração não é essencial à existência de prole. Com as núpcias inaugura-se a sociedade conjugal, na qual se identifica três vínculos, o vínculo conjugal, que une os conjugue o vínculo de parentesco, que une os integrantes da sociedade, descendendo um do outro, ou que, sem descenderem um do outro, estão ligados a um tronco comum; e o vínculo de afinidade, estabelecida entre um cônjuge e os parentes do outro (COMMAILLE, 1997, p. 25).

Na verdade, a família no seu percurso de vida, cria a sua história: com passado, presente e perspectiva de futuro. Na sua dinâmica interna e na sua relação com o meio social mais amplo, modificando por consequência esse meio.

Atualmente existem diversas formas de construção familiar: a nuclear, extensa, substituta, e homossexual. É neste cenário que a cultura e os novos padrões de relações humanas vão produzindo. Por isso, é preciso ampliar a compreensão sobre a diversidade da família e as diferentes maneiras como ela se apresentam.

Na concepção de Falcão (2007, p. 07) “a Família foi perdendo seus principais atributos, de tal forma e com tanta rapidez que se chegou a

proclamar o seu fim”. É neste conturbado ambiente que vive a grande maioria das crianças brasileiras, presenciando situações estereotipadas, as quais comprometem o seu desenvolvimento.

Vale ressaltar, também como a família estruturada desempenha um papel fundamental na sociedade, pois é nesse espaço que a criança desenvolve suas habilidades, favorecendo o seu aprendizado, o desenvolvimento de valores e atitudes sociais. Além disso:

[...] a vida em família é onde iniciamos a aprendizagem: nesse recipiente íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a eles: aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores. Aprenderemos tudo isso não somente através do que nossos pais fazem e do que dizem, mas também através do modelo que oferecem quando lidam, individualmente, com seus próprios sentimentos que se passam na vida conjugal. Alguns pais são professores, outros são atores (GOLEMAN, 1995, p. 204).

Nesse contexto, vale destacar que existem características que identificam a educação familiar como atroz, como o fato de ignorar qualquer tipo de sentimento da criança, mesmo sabendo dos anseios, mas não se preocupa com a forma como o filho ira resolvê-los, e finalmente, o tipo que reprime violentamente a manifestação de sentimentos do sujeito.

Partindo nesse pressuposto, fica evidente que a família não consegue educar sozinha, é nessa perspectiva que a escola surge para reforçar esses ensinamentos, não assumindo o papel da família, mas contribuindo para a formação educacional. Tendo isso como base, Tiba afirma o seguinte:

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam (TIBA, 1996, p. 11).

Percebe-se que não importa por quais elementos uma família se compõe, seja de origem consanguínea ou biológica, o que implica são os laços afetivos, valores, educação que são fundamentais para a formação dos filhos. Mas, se isso não ocorre, o resultado são crianças com baixa estima, agressivas, indisciplinadas apresentando dificuldades em aprender.

A escola conforme Freitas (2011) foi criada para servir a sociedade e assim, prestar contas do seu trabalho, de como faz e como conduz a aprendizagem das crianças. Inicialmente teve-se na história da educação brasileira, o ensino jesuítico, atrelado à política colonialista, isto porque, ao trabalhar o ensino da Língua Portuguesa com os indígenas, para ensinar os preceitos da religião Católica, os padres-professores abriram possibilidades de exploração e dominação dos colonizadores.

É bem verdade que alguns desses padres chegaram a se opor à colonização. Mas é somente no século XVIII, quando se difundia na Europa concepções de laicização do Ensino, que os interesses Religiosos e do Estado se desligam, isso se efetiva claramente no Brasil com a expulsão dos jesuítas, em 1759, pelo Marquês de Pombal (PILLETI E PILLETI, 1990, p. 26).

É claramente perceptível que, a escola antigamente, aperfeiçoava os conhecimentos das pessoas sendo encaminhadas em determinadas profissões. Os reis continuavam instruídos na arte de reinar, os guerreiros eram ensinados a combater, aos artesãos na realização de trabalhos manuais mais aperfeiçoados, a educação no período anterior era então essencialmente informal.

Além disso, a sala de aula era um ambiente social pouco democrático, “até o final da Idade Média a escola continuou a ser pensada para e frequentemente por uma minoria, em que, durante bastante tempo, pontificou quase em exclusivo o clero” (SILVA, 2012, p.78).

Sendo assim, a educação era privilégio das pessoas de determinadas classes, como nobres, artesãos, e militares. A situação mudou depois que os ideais da Revolução Francesa foram aos poucos difundidos, a escola passou a ser direito de todos.

Ao longo da história, a escola brasileira tem sido usada como mecanismo de manutenção status quo, contribuindo assim para a perpetuação de situações políticas, econômicas e sociais. Esse ensino voltado para os aspectos do intelecto visava à preparação dos indivíduos para a continuação da sociedade vigente.

Tal concepção de ensino é fundamentada pela teoria ambientalista, segundo a qual: “A função primordial da escola é a preparação moral e

intelectual do aluno para assumir sua posição na sociedade” (REGO, 1996, p. 89).

Essa concepção de ensino se manifesta na prática escolar de uma postura conservadora, autoritária e disciplinada dos professores presentes nas pedagogias tradicional e tecnicista (este último presente no ensino brasileiro a partir da década de 1970). A primeira tem se perpetuado ao longo da história do ensino brasileiro (desde os jesuítas). É importante frisar que nesta abordagem o ensino se dá através da transmissão de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Toda essa abordagem educacional é permeada por uma concepção de mundo onde os conhecimentos ocorrem com a memorização e a repetição mecânica, sem nenhuma relação com as condições históricas e culturais dos indivíduos (REGO, 1996, p. 41).

Há ainda outra teoria na História da Educação Brasileira, a inatista, ou nativista (REGO, 1996), a qual respalda a Pedagogia da Escola-Nova difundida no Brasil na década de 1930. Essa teoria é tão excludente quanto à primeira, uma vez que, ao negar a influência do ambiente, o inatíssimo apenas reverteu o foco central, considerando o sujeito como pronto, acabado e sem necessidade de melhoria de suas condições, sendo estas pré-determinadas.

No bojo da discussão do que realmente é mais significativo, se os fatores internos ou externos ao sujeito de construção de aprendizagem surgem à concepção sócia interacionista, a qual,

Considera que o conhecimento é construído pelo indivíduo, num processo contínuo e dinâmico do saber, ao longo de sua história de vida, na interação com o meio onde vive e com as pessoas com as quais convive: na família, no bairro, na comunidade, na escola (WADSWORTH, 1989, p. 209).

Dentro dessa perspectiva, o sujeito é visto como um indivíduo que traz conhecimentos decorrentes de suas estruturas cognitivas e de suas aprendizagens e experiências vividas.

Assim, o processo de conhecimento se dá a partir da consideração de suas condições de vida. Os fatores econômicos, culturais, sociais e políticos, que permeiam sua realidade são vistos como pontos de problematização a procura de transformação das situações de exclusão vivenciadas.

Dessa forma, os estudos destes teóricos foram imprescindíveis no entendimento das questões escolares. Percebe-se, que foram muitas transformações ocorridas pela família-escola, ao decorrer do tempo, porém continuam sendo as instituições com atribuições legais e morais responsáveis pela educação.

2.1.2 As políticas educacionais e o respeito à autonomia do aluno

O educando autônomo é aquele que é autor de sua própria vida estudantil e, nesse caso, os professores são os mediadores. Refere-se a uma forma independente de conseguir gerenciar sua própria vida, sem a ajuda de segundos.

Por se tratar de algo bem importante no contexto escolar, a autonomia é responsável por conceder uma educação pautada nos princípios democráticos. Isso porque nos tempos anteriores em que se prevalecia o ensino tradicional, os educandos eram tidos como meros receptores em que somente o professor em sala de aula era considerado o centro do saber e, o educando era quem deveria receber.

Cabia a eles apenas receptar todo o conhecimento passado pelos professores e, concordar com tudo que se ouvia. Algo importante para ser destacado aqui é que essa autonomia passou a ser tratada como algo imprescindível na liberdade do educando de se aprender, mas isso não significa que seja para o aluno ter total liberdade de se falar o que bem entender sem medir tais consequências.

Também não se trata de desmerecer o trabalho do professor porque sua função é peça chave para o complemento da autonomia, uma vez que, ele vai orientar o educando e, este vai se desenvolver da forma como ele tem capacidade, cada qual tem suas adversidades e, suas participações devem ser mediadas para que isso também se torne mecanismo de ensino e aprendizagem. Em concordância a isso, o autor Pistrak (1981) diz o seguinte:

É preciso dizer francamente que, sem o auxílio dos adultos, as crianças podem, talvez, se organizarem sozinhas, mas são incapazes de formular e de desenvolver seus interesses sociais, isto é, são incapazes de desenvolver amplamente o que está na própria base da auto-organização. Acrescentaríamos que o pedagogo não deve ser

estranho à vida das crianças, não se limitando a observá-la. Se fosse assim, de que adiantaria nossa presença na escola? Exclusivamente ao ensino? Mas, de outro lado, o pedagogo não deve se intrometer na vida das crianças, dirigindo-a completamente, esmagando-as com sua autoridade e poder (PISTRAK, 1981, p. 140).

Nesse aspecto ver-se a importância do mediador nessa autonomia de seus educandos, mas sempre buscando formas adequadas de se intervir ao meio. Por outro lado, existem reclamações por parte de alguns gestores de que eles próprios não possuem tanta autonomia no seu ambiente de trabalho.

Para isso, as políticas educacionais trazem algumas contribuições quanto a isso, por exemplo, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Art. 3º salienta que deve existir sim o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, cada qual tem a sua liberdade de expressão.

Seu Art. 12 aponta alguns incisos de que devem ser elaborados e executados as propostas pedagógicas e, assim o dever de cuidar e fazer valer o cumprimento de tais propostas planejadas.

A partir dessa autonomia dos professores Little (1994) afirma que a autonomia pressupõe três elementos que enfatizam a individualidade do aprendiz:

Agenda pessoal, iniciativa e auto avaliação. O aprendiz autônomo precisa criar uma agenda pessoal que oriente e organize seus estudos; tomar iniciativas “moldando” sua própria aprendizagem e ter a capacidade de auto avaliar este processo, verificando se obteve realmente sucesso no mesmo (LITTLE, 1994, p. 431 apud WISSMANN, 2006).

Ao longo de todas essas exposições ficou evidente que o educando para ser um indivíduo autônomo necessita de passar por algumas fases como citado pelo autor no parágrafo anterior em que ele deve ter todo um planejamento que vai desde a sua agenda de vida cotidiana para que possa guiar nas suas decisões e, assim contribuindo em sua aprendizagem, sempre com a capacidade de avaliar-se de suas próprias ações.

Cabe destacar também que além do educando ter que se auto avaliar, de saber que ter sua autonomia é algo assegurado como um direito politicamente nos moldes atuais da educação é preciso ter a convicção

também que essa autonomia não só depende dele, mas também do professor como foi salientado logo acima.

O professor tem que ter sua autonomia como assegurada também pela lei nacional e, isso depende para que a autonomia do educando também aconteça. São dois seres extremamente dependentes um ao outro para o sucesso tanto no ensino como na aprendizagem.

2.1.3 Formação inicial e continuada dos professores para que tenham mais condição de lidar com situações de indisciplina

De acordo com Gohn (2005), a educação está sendo uma das principais áreas que há para defrontar os novos temas surgidos pela globalização. Ela está sendo considerada indispensável para superação dos problemas do povo, assim sendo, trazendo os cidadãos que antes eram excluídos para incluir na sociedade, com direito a igualdade e justiça e que todos tenham oportunidades de participar da vida social.

Percebe-se que ao longo do tempo está dando mais ênfase ao tema educação, pois é bastante importante e todos precisam desde a classe alta até a mais baixa. É visto que ela traz meios que inclua a sociedade como todo, promovendo assim um total mecanismo de inclusão dos direitos e deveres de todo cidadão.

Portanto, acredita-se que, “a educação é um processo” que requer a integração de conhecimento com habilidades, valores e atitudes (GOHN, 2005). O profissional de pedagogia é capaz de está atuando em vários campos da educação, assim, conseguindo dar respostas às varias exigências de nossa sociedade que está cada dia mais complexa.

Portanto, devem se preparar para poder enfrentar, com muita criatividade, os problemas da atualidade, para isso deve ser flexível, tolerante e ligado aos questionamentos decorrentes da cultura diversificada que é a característica da sociedade atual.

É responsabilidade da escola, formar cidadãos críticos, responsáveis, autônomos e atuantes na sociedade, sujeitos que sejam capazes de utilizar seu potencial para construir seus próprios conceitos, valores e conhecimentos.

Para isso, é preciso um trabalho colaborativo que envolve escola, professores, sociedade e família.

Nesse sentido, é de grande valia que o professor atue como um intermediário entre o sujeito e o conhecimento.

O professor, por sua vez, deve considerar no exercício de sua função o aluno como sujeito de múltiplas relações, que por estar em processo de formação, deve ser considerado em sua totalidade. Assim, deve assegurar ao educando uma formação crítica, capaz de levá-lo a refletir sobre temáticas cotidianas e interferir positivamente em seu meio e, sobretudo, em sua vida para transformá-la (CARMO, 2009, p. 7).

Para que se alcancem os objetivos educativos, é de extrema importância que os professores desenvolvam seu trabalho apoiados em uma metodologia dinâmica e inovadora, que contemple a realidade do aluno. Deve levar em consideração sua cultura e especificidades, para que os conteúdos trabalhados em sala de aula tenha sentido dentro e fora da escola. Assim o ensino aprendizagem pode-se tornar de fato significativo para os alunos.

Para tanto, torna-se necessário ao professor, o conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de pensar, além da abertura, em suas aulas, para a reflexão dos problemas sociais, possibilitando aulas mais democráticas, através de um saber emancipador. Pois, apropriar-se criticamente da realidade significa contextualizar um determinado tema de estudo, compreendendo suas ligações com a prática vivenciada pela humanidade (LIBANEO apud CARMO, 2009, p. 42).

Contudo, ao que se refere aos saberes docentes, é preciso que o educador reflita sobre os saberes que mobilizam na e para sua prática.

A relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão de conhecimentos já constituída. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2002, p.36).

Para um professor ingressar em uma sala de aula deverá ter certo domínio do conteúdo que será desenvolvido. O conhecimento teórico deverá está presente em todos os momentos de sua carreira.

Contudo, tais aptidões não são eternas, em se tratando das ciências trabalhadas em sala, estas sofrem mudanças com uma regularidade e para que o conhecimento não se torne arcaico, o profissional da educação deve estar sempre buscando se atualizar, tendo um olhar global e acompanhado o que é discutido em relação a sua matéria.

Neste entendimento o professor deverá estar flexível ao novo, buscando olhar as transformações de uma perspectiva crítica e absorvendo o que entender necessário para sua evolução intelectual.

O domínio dos conteúdos requeridos na grade curricular sempre deverá ser a meta primária de cada professor, pois este conhecimento lhe proporcionará uma perfeita mediação entre o conhecimento e os seus educandos, possibilitando identificar os melhores métodos de ensino para que cada sujeito em suas particularidades, isso lhe possibilitará compreender o que está sendo trabalhado.

Surge deste entendimento, a necessidade de se preencher as vagas de professores, com profissionais que possuam formação específica a cada área que será trabalhada, por entender que estes profissionais possuem as referidas técnicas e a teoria para embasar os seus ensinamentos em sala de aula, possibilitando o esclarecimento das dúvidas que surgirem no decorrer das aulas.

A didática que o professor irá adotar em seu processo de ensino e aprendizagem será fundamental para o êxito que se busca. Esta compreensão de arte de ensinar não se enquadra no conhecimento teórico que o professor possa ter. A didática envolve o conhecimento prático da docência e a empatia reflexiva, que se fundamenta no entendimento que o professor possa ter da realidade de seu aluno e qual seria a melhor forma que este sujeito poderia estar adquirido no hábito de estudar em relação à disciplina.

A forma que o professor explica o seu conteúdo refletirá intrinsecamente no desejo de aprender que o aluno possa ter em relação à matéria trabalhada. Neste entender a disciplina como uma forma de aprendizagem poderá ajudar a quebrar alguns paradigmas que circundam algumas matérias.

É preciso pensar a estrutura dos cursos de formação de professores atuais para poder agir, em mercê da formação de sujeitos críticos de sua própria prática docente e da utilização de recursos que a permeiam sobre ela.

O sujeito da educação seja discente ou docente são socialmente ativos e, portanto influenciados e influenciáveis, é necessário se buscar maneiras eficientes de se integrar o uso do novo ao processo ensino-aprendizagem.

A multiplicidade de teorias pedagógicas ao longo da história tem demonstrado que a educação a novas realidades é algo real dentro também do sistema educativo. A necessidade de não negar ao ensino-aprendizagem à absorção de novas formas desse reconstruir frente aos novos desafios, mostra que assim como todas as outras instituições, a educação necessita pensar e desenvolver métodos qualitativos e quantitativos de inserir tecnologias de informação e de comunicação aos seus processos.

2.1.4 O papel da família como meio de buscar desenvolver estratégias de ações pedagógicas, a fim de enfrentar os desafios causados pela indisciplina

As instituições escolares podem ser descritas como espaços sociais em que se buscam por conhecimento científico, isto é, os professores buscam planejar e executar suas propostas pedagógicas a fim de formar seus educandos como cidadão críticos e reflexivos para viver em sociedade.

Todavia, têm ocorrido inúmeros problemas dentro dessas instituições que tem motivado a preocupação de muitos que dela fazem parte como a família, os professores, gestores, etc. Sendo que um destes problemas tem sido a indisciplina que tem crescido muito ultimamente, prejudicando toda a instituição escolar.

A indisciplina é um problema muito sério porque afeta a todos, dentre eles os professores que não conseguem executar suas atividades pedagógicas da forma como planejaram, os demais educandos tem suas atenções desviadas em decorrência disso, e, assim torna-se, um ambiente muitas vezes afetado pelo desrespeito, pela falta de limites, e pela falta de valores familiares.

Em meio a esses fatos atuais, é importante destacar a importância que a família tem de buscar estratégias necessárias para o enfrentamento da indisciplina. Pois é ela que é responsável pelos primeiros ensinamentos.

Isso se encontra destacado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) em que ressalta que “os processos formativos se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas”. Assim a educação tem sentido amplo e não se restringe apenas a escola.

A família é a primeira ‘instituição’ na qual a criança deve receber os primeiros ensinamentos tais como a convivência social, o respeito ao próximo, os valores, etc. Para os filhos que são advindos de uma família desestruturada acabam por serem vítimas disso e, assim começam-se os conflitos entre a sociedade mais futuramente. Não afirmando claro, que alunos indisciplinados só existe a partir de famílias desestruturadas porque nas famílias ditas estruturadas também acontecem esses tipos de conflitos.

É dever de a família educar os seus filhos não orientando apenas para ser futuramente um profissional, mas também de transmitir valores, ensinar religiosidade em que cada uma tem a sua, respeitar a opinião do outro, enfim criar estratégias para que seu filho possa respeitar a todos, inclusive os seus professores, colegas e, demais funcionários.

Nessa mesma compreensão Tiba (1996) contribui afirmando:

A falta do amparo familiar, mais precisamente a carência afetiva durante a infância, pode conduzir a uma deterioração integral da personalidade, e conseqüentemente do comportamento. Quando o relacionamento familiar é precário, certamente irá influenciar nos relacionamentos sociais de seus membros, principalmente dos filhos. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, à desagregação dos casamentos, droga, ausência de valores, permissividade, demissão dos pais da educação dos filhos, etc. São apontados como as principais causas que minam o ambiente familiar (TIBA, 1996, p.53).

Então a indisciplina é algo bem complexo de ser discutido porque muitas pessoas acham que a escola que é a responsável por todos os ensinamentos, mas isso não é verdade.

É através dos estudos e reflexões que a família e a escola precisam se unir e buscar juntamente quais as causas que levam os alunos a ser tão indisciplinados, é claro que cada caso tem suas especificidades.

De acordo a Constituição Federal de 1988 em seu Art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, (Brasil, Lei nº 8.069/90).

Já o Art. 19, do ECA diz: “toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”.

Assim será possível de buscarem por estratégias coletivas, específicas para cada caso, sempre com a finalidade de garantir um bom ensino e uma boa aprendizagem.

Nisso, para uma melhor fundamentação é necessário fazer estudos em documentos oficiais como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Projeto Político Pedagógico, o Estatuto da Criança e do Adolescente, dentre vários outros que são essenciais para o planejamento de estratégias.

2.2 Marco Referencial

2.2.1 Indisciplina: Um Diálogo Entre Família e Escola

A organização da família também mudou com a nova ordem econômica e política do capitalismo. As famílias que antes tinham a figura do pai que trabalhava fora e a mãe que cuidavam dos filhos. Agora essa organização alterou-se, pois são pais que trabalham longas jornadas fora de casa, delegando a educação aos terceiros ou em muitos dos casos ficam sob a influência desmedida das redes sociais, dos jogos eletrônicos e acessos constantes aos celulares como forma de suprir a ausência familiar.

O convívio é muito importante na construção de conceitos, valores morais, éticos e o estabelecimento de limites. São esses fatores e a própria participação da família na escola que contribuem para a disciplina no comportamento do aluno, bem como o seu desenvolvimento.

Assim, “a força dos pais está em transmitir aos filhos a diferença entre o que é aceitável ou não, adequado ou não, entre o que é essencial e supérfluo, e assim por diante” (TIBA, 1996, p.16).

A partir dessa reflexão, pode-se afirmar que é papel da família ensinar os princípios, do que são certos e errados, os limites, que orientarão as atitudes na escola e na sociedade. Assim, a família é a instituição de formação da base de valores do indivíduo, que influencia diretamente na forma como o sujeito vai agir e se desenvolver dentro das organizações sociais.

Em muitos dos casos a indisciplina escolar está relacionada aos problemas familiares como a falta de limites, de acompanhamento e orientação. Dessa forma, percebe-se hoje a necessidade e importância da família e a escola como instâncias educativas construir laços de aproximação no processo educativo. Os pais podem ajudar de alguma forma, “na tarefa que a escola realiza quando não consegue desenvolver seu trabalho da forma esperada” (REALI; TANCREDI, 2005, p. 183).

De acordo com Vasconcelos (1998), a escola precisa investir no trabalho de conscientização dos pais para esclarecê-los sobre a questão de a disciplina domiciliar e a escolar. Daí, a relevância da escola em desenvolver um trabalho

participativo, em que realmente o aluno se envolva e compreenda o que está sendo proposto para ele.

Em função desses aspectos, destaca-se a necessidade de uma nova relação dialética entre família-escola para poder construir um redirecionamento na relação professor e aluno, a fim de que a disciplina possa ser vivida na escola. Para que, diante dessa atual crise no contexto educacional, a indisciplina, possa ser superada e contribuir para a melhoria da aprendizagem.

Por tais razões, a disciplina se caracteriza como um elemento fundamental ao processo de ensino-aprendizagem, pois se trata do conhecimento às regras estabelecidas para o bom desempenho do comportamento de alunos em sala de aula.

Cabe ressaltar que, a disciplina, além das normas de convivência entre os alunos da turma, refere-se também a organização dos conteúdos, dos horários de estudo, da organização dos materiais escolares, do cumprimento da sequência didática e do calendário letivo.

Assim, a disciplina é planejamento, determinação, interesse, envolvimento, participação, responsabilidade. Ou seja, compõe um conteúdo concreto onde o objetivo é a educação no que respeita às normas de convivência isto é, alunos, professores e o todo escolar, onde o resultado será o desenvolvimento do trabalho que expresse o respeito entre tais sujeitos.

No entanto, é uma situação que nem sempre acontece, gerando atos indisciplinados na sala de aula e na escola, comprometendo o desenvolvimento escolar dos alunos e professores. Nesta perspectiva,

É importante definir com clareza o que se pretende e programar as ações pedagógicas em consonâncias com essas intenções. Professor e educadores em geral devem rever os seus planos, recolocar os seus objetivos e, acima de tudo, reconsiderar a sua própria conduta, pois um comportamento só é incorporado quando vivido em situação concreta da vida cotidiana. A compreensão de que a disciplina é importante na escola, não apenas como um conjunto de normas que organizam o ambiente escolar, mas também como um objetivo educacional a ser atingido, é fundamental para orientar a ação pedagógica da escola (D'ANTOLA, 1989, p. 89).

O papel da escola no contexto de formar com disciplina, não é tarefa fácil, mas não impossível, desde que haja compromisso e determinação em desenvolver um trabalho onde o objetivo principal seja estabelecer ações

pedagógicas, que envolvam toda a escola, pais professores e alunos na busca de soluções para resolver o problema da indisciplina na sala de aula e na escola.

Com as mudanças na sociedade, a escola, que é reflexo desta não pode continuar estática com o mesmo modelo de autoritarismo antagônico, porque não funciona mais, principalmente que, a figura do professor antes vista como o detentor do conhecimento e aquele que punia com castigos (a base da palmatória) não existem na sociedade contemporânea.

O aluno de hoje não teme a ação do professor e o respeito não está ligado mais ao medo. Visto a necessidade de reconstruir uma nova disciplina com uma autoridade transparente e responsável pela escola com respaldo da família.

A escola de hoje lida com conflitos, que não são mais no âmbito escolar, são problemas de ordem social, econômica, emocional e familiar. Então, a escola de forma isolada do contexto do aluno não consegue intervir no comportamento indisciplinado do aluno, pois muitas das vezes envolvem até a parceria, a ação do Estado, por meio de políticas públicas de assistência ao indivíduo em estado de risco e vulnerabilidade social.

Desse modo, “escola e famílias, como agências sociais, mudam de configuração e de objetivos no decorrer do tempo” (REALI & TANCREDI, 2005, p. 240). A escola brasileira, segundo essas autoras, “parece ter dificuldade de aceitar as alterações sociais e familiares e de incorporar as novas demandas da sociedade no desenvolvimento de seus papéis e de seu trabalho, embora esse processo de mudança não seja tão recente” (REALI e TANCREDI, 2005, p. 240).

Nessa perspectiva, a família “como uma das instituições que assumem a tarefa educativa que lhes é outorgada pela sociedade deve, portanto, receber apoio para o desempenho dessa função” (SZYMANSKI, 2011, p. 17), na sua tarefa educativa em relação à educação dos seus filhos. Isso porque, é crescente o número de famílias desestruturadas e devastadas pelas drogas, prostituição e violência.

A escola passa por um momento crítico que é a indisciplina, porém o apoio que esta necessita das famílias está cada vez mais difícil, porque essa

também apresenta problemas de estrutura, de perda de valores e reconhecimento.

O que fazer diante dessa realidade social; quem pode ser culpado ou responsabilizado, senão toda a sociedade. Mais do que nunca, a educação precisa e deve ser melhorada, pois as famílias também precisam de uma reeducação de valores, de responsabilidade e de intervenção social.

Por outro lado, como afirma Freire (2000), a educação deve ser transformadora. Assim, o trabalho pedagógico será menos árduo se buscar uma relação mediada pelo respeito entre todos os sujeitos envolvidos no contexto escolar.

Ainda segundo D'antola (1989), é evidente a necessidade de uma nova organização para o funcionamento da escola, coerente com uma proposta educacional democrática e transformadora.

Essa construção só poderá acontecer a partir dos esforços de educadores, equipe pedagógica e a família em busca de um novo modelo de relações entre aluno e professor, a equipe escolar e entre a escola e sociedade. Nesse contexto, as famílias e a escola precisam trabalhar em conjunto, visando à melhoria do processo ensino-aprendizagem.

É importante o papel dos pais no processo de escolarização dos filhos, no acompanhamento às atividades escolares e na participação em reuniões ordinárias e extraordinárias convocadas pela escola, bem como a participação nos órgãos colegiados como Conselho Escolar e Associação de Pais, Mestres e Funcionários.

É válido salientar que, com a universalização da educação, o alunado passou a ser heterogêneo, vinham de diversos meios, porém as condições pedagógicas continuaram a serem homogêneas voltadas apenas para os grupos privilegiados. Isso contribui para a exclusão daqueles que não se enquadram dentro desse modelo de ensino, e, muitas vezes, esses alunos respondem com comportamentos indisciplinados de revolta.

Outros fatores são a superlotação das salas de aula e a falta de recursos para um ensino de qualidade acaba por gerar desconforto e agitação, o que influenciam também na indisciplina.

Sobre as mudanças das ações pedagógicas para lidar com a indisciplina, vale destacar a urgência de inseri-la na formação inicial e

continuada do professor, pois é grande a falta de preparo desses profissionais para lidarem com essa nova realidade.

De acordo Aquino (2003), a maioria dos educadores não sabe ao certo como administrar o ato indisciplinado e como intervir. E acabam por levantar várias hipóteses na tentativa de compreendê-la:

Suspeita-se que a indisciplina discente seja um fenômeno típico da adolescência, e está caracterizada pelo questionamento das normas e dos valores impingidos pelo mundo adulto. Uma rebeldia típica dessa fase passageira. Suspeita-se também que, em certas circunstâncias, o ato indisciplinado seria a manifestação de uma agressividade latente dirigida contra as figuras de autoridade, agressividade essa gerada pela “desestruturação” do ambiente familiar (a desagregação dos casais, a falta de tempo para cuidar dos filhos, a precária supervisão das tarefas escolares etc.) de modo genérico, supõe-se que as condutas dos alunos envolvidos em situações disciplinares sejam resultado de prejuízos psíquicos difusos, mormente ligados à primeira infância e ao modo permissivo como tais crianças e jovens foram criados por suas famílias (AQUINO, 2003, p. 10-11).

Nesse sentido, percebe-se que a família exerce influência sobre o comportamento das crianças e adolescentes, uma vez que, é a instituição responsável pela primeira educação. Isto é, os filhos vão para a escola com pré-requisitos quanto ao comportamento que terão inclusive as más influências que os jovens atualmente estão expostos pela mídia e seus excessos, pois é a falta de limites em casa, que o aluno leva para a sala de aula.

Por exemplo, o uso descontrolado dos celulares não é só na escola, isso vem desde o lar. A escola proíbe o uso no período de aula, mas a família na sua grande maioria deixa usar enquanto senta a mesa, enquanto se reúne e no horário destinado a realização das tarefas.

Tal situação gera conflitos na escola e foge às rédeas dos professores causando transtornos no âmbito escolar e muitas vezes comprometendo o processo ensino-aprendizagem. É função da família:

Ajudar na construção da disciplina, através de algumas práticas: readquirir a prática do diálogo, ser capaz de impor limites, estabelecer horários, superar a oscilação entre a permissividade e o autoritarismo, estabelecer e cumprir limites (dialogando, chegar a limites razoáveis), não ceder diante da insistência ou chantagem, nunca dizer não sem explicar o porquê, não acobertar erros dos filhos, incentivarem os filhos a terem uma postura crítica, acreditar nas possibilidades do filho, desenvolver uma pedagogia de participação, atribuir

responsabilidades aos filhos, entre outras (VASCONCELLOS, 1994, p. 82).

Como explica o autor, é possível criar condições, dando oportunidades de a família tomar conhecimento, refletir e possivelmente colocá-los em prática junto à escola. O trabalho em conjunto, escola e família pode diminuir o fracasso escolar, a indisciplina, pois culpar somente a escola ou o aluno ou a família, não é um caminho certo, pois estes são partes integrantes do processo de formação do ser humano.

Com base em Aquino (1996), conseguir mudar de imediato a forma como é trabalhada a indisciplina, seria algo trabalhoso, pois devemos considerar que é uma questão que vai além da sala de aula e da escola.

Por outro lado, a indisciplina é tratada de maneira diferente, vista e aplicada com diferentes práticas pedagógicas nas salas de aula. Para começar a controlar, ou amenizá-las, todos devem se envolver, todas as áreas em torno da educação e todos buscarem um mesmo paradigma.

Nessa ótica, “o ponto de partida [é o] trabalho sistemático com famílias e a consideração dessa instituição como construção social e histórica, cuja missão socializadora lhes foi imposta pelas sociedades nas quais está inserida” (SZYMANSKI, 2011, p. 18). É fundamental compreender o contexto social da indisciplina e direcionar a intervenção pedagógica, ou seja, como trabalhar com isso no sentido de superá-la. Sendo a família, o primeiro lugar onde o sentido das regras e a disciplina deveriam ocorrer:

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência (OSORIO, 1996, p.82).

Diante disso, percebe-se que, família e escola exercem funções diferentes, mas que dialogam entre si, e que uma depende da outra para formar o indivíduo para a vida, para o trabalho, para a cidadania.

Ao aproximar a escola com a vida particular dos alunos, envolvendo seus pais/responsáveis, proporcionando aos pais a aproximação e maior entendimento pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades entre pais e professores.

2.2.2 A atuação pedagógica do professor frente ao trabalho com a indisciplina

A indisciplina escolar tem sido um desafio, principalmente para os professores, que convivem diretamente com os alunos. Em muitos casos, essa relação é marcada por conflitos resultantes de comportamentos indisciplinados como bagunça na sala de aula tais como: o aluno não faz nada, gritos, palavrões, alunos que não param sentados, brigas, brincadeiras, alunos que saem da sala sem autorização do professor, alunos que praticam gestos obscenos, entre outros.

Essas representações de como a indisciplina se manifesta mostram o quanto a falta de limites, de valores como respeito, de disciplina na organização atrapalham o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

O planejamento da aula acaba por interrompido e o professor, na maioria das vezes, não tem uma dinâmica pedagógica, além do conteúdo, para adaptar-se ao aluno como meio de chamar a sua atenção, despertar sua curiosidade e envolvê-lo no contexto da aula.

É comum usar de justificativas como: aluno indisciplinado não aprende, não tem interesse em estudar, vem para a escola por que são obrigados e nós professores somos obrigados a aceitá-los. Essas afirmativas deixam clara a posição da grande parte dos professores, quanto à indisciplina, como se a mesma fosse causada só pelos alunos como um “defeito” trazido de casa.

Cabem aos cursos de formação acadêmica trabalhar desde cedo à atuação do professor com a indisciplina, visto que, o mesmo faz parte de todo contexto da sala de aula e algumas situações são criadas, a partir de momentos propiciados pelo trabalho planejado e desenvolvido pelo principal agente mediador e transformador; que é o professor, responsável pelo processo de ensino e aprendizagem e de adequar às metodologias ao nível da turma.

Para Vasconcelos (1998), o conceito de disciplina ainda está associado à obediência, em que o aluno acompanha as aulas de forma passiva como nos tempos atrás. Atualmente, devido à agitação da sociedade, o aluno também manifesta isso dentro da sala de aula. São comuns alunos mais agitados, e, a

disputa de atenção do docente com os celulares é muito grande, sendo estes mais atraentes para o público infanto-juvenil. A disciplina, atualmente se modificou de acordo às transformações tecnológicas, sócias, econômicas e culturais:

Antes, o respeito do aluno era a submissão e a obediência a um superior na hierarquia escolar. Hoje, o respeito ao professor não costuma ser resultado do medo ao castigo, mas da autoridade que ele possui como profissional. O professor de hoje não é aquele que deve fazer com que se cumpram as ordens, repressivo e castrador, mas um profissional com múltiplas e novas tarefas (PARRAT-DAYAN, 2009, p. 65).

Assim, o trabalho do professor centrado na autoridade tradicional se torna desgastante, que para o aluno é visto como desestimulante. Isso leva a uma reflexão sobre a necessidade de uma formação continuada para atualizar o educador das novas problemáticas, a elaborar novas práticas de ensino e a mudar a concepção de educação de transmissão de conhecimento em que o aluno é passivo nesse processo.

Ainda, de acordo com Vasconcelos (1998), a posição da escola diante do problema da indisciplina, é ainda ultrapassada no que se refere à prática, permanecendo atitudes de autoritarismo, estabelecendo regras antidemocráticas (punições), acarretando sérias consequências como, por exemplo, revolta, e reduzindo a aprendizagem à obtenção de nota (avaliação), que tem funcionado como uma das formas mais comuns de ameaça e punição.

Porém, existem outras formas de ver a indisciplina, como um reflexo da atual sociedade marcada pela pobreza, violência, falta de moradia, insegurança social, desestruturação das famílias ou a falta de acompanhamento familiar na vida escolar dos filhos, associada à desvalorização da escola.

São complexas as causas da indisciplina escolar e de diferentes ordens; no entanto, cabe ao professor ser dinâmico para criar e adaptar novas ações de intervenção às práticas formativas do indivíduo. Como enfatiza o autor:

[...] nem sempre temos as condições objetivas necessárias; mas não podemos deixar de constatar também a falta de instrumento adequado de intervenção, por isso, acredita-se na necessidade de o docente “estar integrado à ação”, o que pede dele métodos que visam o docente a não atuar na base do improviso; a sair do hábito alienado; a apropriar-se mais intensamente de seu trabalho; a construir sua autonomia (VASCONCELOS, 2009, p. 41).

De acordo o autor, o comportamento do professor deve ter o conhecimento da realidade para poder intervir e criar meios de ação pedagógica, e assim, posicionar diante dos alunos. O educador deve ter clareza dos seus objetivos e mostrar segurança diante da turma, tanto durante o trabalho como para mediar situações de conflitos que acontecerão no processo de ensino aprendizagem.

Diante dessas considerações, cabe a escola o papel de rever as contradições existentes entre o discurso e a prática para não cair no autoritarismo dominado por uma concepção antagônica ao que se deseja: formar o cidadão crítico, dentro de uma nova concepção de educação.

O professor exerce um papel importantíssimo como afirma Machado (1995), pois suas ações e atitudes têm possibilidades de transformar seus alunos, por meio da intervenção na construção da identidade destes.

Conforme Cunha (2000), ao transferir conhecimentos, em todos os aspectos – físicos, motores, psicológicos, sociais, culturais e principalmente, afetivos –, o professor, por mais que seu papel ainda não se encontre valorizado e totalmente definido, tanto na escola quanto na sociedade, interfere de forma significativa na formação do aluno.

As ações indisciplinadas, segundo Rego (1996), vem ocorrendo no dia a dia do contexto escolar e estão relacionadas à falta de autonomia do professor. Nesse caso, é imprescindível buscar soluções, já que o professor é a ligação entre a sociedade e a criança.

O educador inteirado da realidade do aluno, comprometido e engajado consegue estabelecer vínculos de confiança através do diálogo, do resgate à afetividade entre todos da turma; consegue, pois, em muitos momentos, solucionar democraticamente conflitos corriqueiros inerentes a qualquer convívio.

Para D'antola (1989) no processo de relacionamento em que há a percepção sobre o domínio do conhecimento, a confiança do aluno para com o professor como autoridade pode facilitar o controle da disciplina em sala de aula.

Dessa forma, é sabido que o papel do professor – como orientador das interações educativas em sala de aula e do processo de construção social do

conhecimento – requer flexibilidade para solucionar situações de conflitos na relação aluno/aluno, para a concretização positiva da turma.

Nesta perspectiva, a indisciplina é uma parte agravante no processo ensino-aprendizagem, mas não a única, cabendo a todos o comprometimento em resolver o problema de forma coletiva, em que é necessária a integração escola e família, processo esse em que, os pais devem ser mais presentes na escola.

Ainda em relação ao trabalho pedagógico, cabe ressaltar, que o trabalho com a indisciplina escolar deve ser um compromisso de todos os professores, pois é comum uma turma ter um comportamento tranquilo com determinado professor e o inverso com outro.

Isso mostra o quanto à atuação do educador exerce influência no comportamento dos alunos. Assim, o ensino-aprendizagem acontece naturalmente quando o professor consegue fixar regras, for firme às atitudes, valorizar a interação, tratar o aluno com respeito, sem cometer injustiças e sem cair no autoritarismo nem na permissividade – atitudes prejudiciais no relacionamento professor-aluno e na própria formação para a cidadania. Já que, a sociedade tem regras que controla a permissividade do ser humano.

O caminho é dialogar, principalmente ao professor, que assume a posição de liderança de uma turma e responsável pela formação desta; que, para confiar no líder, não é preciso concordar em tudo com ele, pois o educando é um ser cognoscente, que questiona e busca respostas para os seus conflitos de aprendizagem.

2.2.3 O trabalho pedagógico com a participação de pais, alunos e professores e a contribuição no enfrentamento da indisciplina

Um dos maiores desafios pedagógicos da atualidade tem sido lidar com a indisciplina escolar, que apesar de ser um problema presente ao longo da história, nos últimos tempos tem preocupado pais, professores e todos aqueles envolvidos e interessados nas questões de educação.

Segundo Oliveira (2005) lidar com a indisciplina na escola e especialmente na sala de aula não é um trabalho fácil, pois muitas das

medidas que são tomadas pelas instituições de ensino, têm sido paliativos, ou seja, insignificantes.

Toda instituição para um bom funcionamento precisa de regras para a organização, ajustamento, ordenadamente, porque se todos os envolvidos realizam o quiserem ao modo de cada um acaba em uma bagunça, principalmente no ambiente escolar, que são crianças, adolescentes e jovens que estão em formação. É preciso da intervenção da família, da escola, da igreja e demais ambientes de socialização e ensino.

A escola têm tido muita dificuldade em relação às atitudes que são adotadas para conter e punir a indisciplina, pois as leis estão dando muita prioridade para os alunos e acaba por tirar a autonomia dos professores.

A escola ao deparar com situações de desordem, a falta respeito de certos alunos, a destruição do ambiente não pode usar nem mesmo a advertência, suspensão ou expulsão que antes era um meio amenizador dessa situação.

A indisciplina é um problema que cresce progressivamente e existem diversos fatores que contribuem para esse episódio como a liberdade que o mundo tem oferecido às crianças de hoje.

Como os celulares com internet, que por um lado é um avanço, que permite a criança pesquisar e ter acesso à informação, mas que por outro lado tem dificultado o trabalho dos professores com falta de atenção, comportamentos de rebeldia como som ligado, enquanto é trabalhada a explicação dos conteúdos, a alta atração pelas mídias contribui para que as aulas tão planejadas sejam vistas como chatas e desvalorizadas.

Quanto às atitudes a serem tomadas pelo professor poderia ser na primeira vista tomar o celular, só que como estabelece o artigo 1.634 do Código Civil. Não é recomendável que o professor "tome" do aluno o celular, pois ao fazê-lo poderá ser criada uma situação de confronto pedagógico, pessoal e social, que tende a agravar os conflitos, contrariando o artigo 4º da Constituição Federal de 1988, que propõe no inciso VII - solução pacífica dos conflitos. "O professor deve orientar que o aluno desligue que guarde o celular ou chamar os pais na escola para proibir o uso do celular" (BRASIL, 1998).

No entanto, muitas famílias colocam a responsabilidade de educar seus filhos nas mãos de outras pessoas, ou muitas das vezes são famílias

desestruturadas que não tem nenhuma autoridade sobre os filhos ou que ver a escola como inimiga. É comum hoje em dia pais que não compactuam do mesmo objetivo de educação da escola.

Assim o desafio de educar tem sido um grande obstáculo enfrentado, principalmente pelo professor em sala de aula, cada vez mais diversificada, sem uma boa base familiar, sem a segurança social, o pai psicológico para atuarem em situações de conflitos e muitos dos casos crianças, adolescentes e jovens em situação de risco.

Os comportamentos de indisciplina podem ser uma problemática de estudo nos cursos de formação de educadores, pois “se o professor tem dificuldade em lidar com toda essa complexidade do ambiente escolar e com a diversidade, certamente, uma parcela da responsabilidade cabe aos cursos de formação de professores” (OLIVEIRA, 2005, p. 6).

Então, fica claro a necessidade da competência do professor tanto formal como política em adequar o seu projeto de aula à necessidade da sala de aula.

Todos os apoios didáticos, importantes em si, dependem da capacidade do professor, inclusive aproveitamento das adequações físicas dos estabelecimentos, do material escolar etc. O único livro didático insubstituível é o próprio professor. Deve star de tal modo bem formado, que, se necessário for, ele mesmo prepara texto de português, exercício de matemática, projeto de planejamento (DEMO, 1993, p. 89).

Dessa forma, é necessário que prevaleça a formação crítica e consciente do professor para atuar com problemas típicos do seu tempo. Atualmente, urge-se discutir e rediscutir problemas de comportamento em sala de aula, nos cursos de formação por conta das mudanças significativas que a relação professor aluno vem sofrendo no decorrer do tempo.

Essas mudanças são resultado das contínuas transformações sociais, culturais e tecnológicas do mundo contemporâneo que têm solicitado uma nova proposta de educação que ofereça um novo modelo de escola e, conseqüentemente, que tenha um novo perfil de educador para atender às necessidades do educando que vive a realidade desta nova era.

A prática educativa, a organização do espaço, os recursos da escola precisam despertar o interesse do aluno, pois não é mais possível ensinar

como antes, em que os alunos deixavam-se influenciar pela autoridade exercida pelo professor de ensinar e também punir.

Na sociedade atual, o aluno já não se influencia pelo professor que ensina e desvaloriza a escola como fonte de acesso ao conhecimento, do saber. As mídias estão com tudo exposto e muito mais chamativo para o aluno, muitas das vezes questionam-se a competência do professor para lecionar a disciplina tanto pelos educandos quanto pelos pais.

Assim, “as demandas educacionais da atualidade não comportam mais um modelo de professor transmissor de conhecimentos, novas competências precisam ser adquiridas e desenvolvidas na formação docente” (OLIVEIRA e GOLBA, 2008, p. 06).

Partindo dessa discussão, pode-se afirmar que os cursos de formação de professores têm focado muito em uma teoria dissociada da prática. Muitos professores saem dos cursos de formação com concepções utópicas sobre o aluno, a sala de aula e a escola ideal e, quando são confrontados com uma realidade adversa ficam sem saber como agir, porque na sua concepção teórica de aluno é aquele que está disponível a aprender dentro da concepção de disciplinado por este educador.

No passado, os alunos iam para a escola e estavam prontos para adaptarem aos métodos dos professores, mas atualmente o professor deve adequar-se ao encontro dos interesses e da linguagem dos alunos.

A formação docente é tão importante, pois norteia todo trabalho pedagógico, para o educador que tem o conceito de que o aluno disciplinado é aquele passivo, o “quietinho”, logo vai se identificar com os aspectos cognitivos e comportamentais nessa concepção. Isso é reflexo da formação, pois o aluno que interage, questiona, e que mesmo que agita a organização da sala com conversa e questionamentos dos conteúdos não significa que ele seja indisciplinado:

O essencial seria que os cursos de formação propiciassem aos professores discussões que abrangessem os problemas comportamentais e de relação professor-aluno a partir de várias perspectivas e que levassem os futuros professores a conhecerem a prática, a vivenciá-la (OLIVEIRA e REIS, 2005, p. 15).

Todos esses requisitos são essenciais na formação de professores, pois as discussões teóricas dão o embasamento para a prática, porém não se deve limitar à visão utópica, porque a educação é feita de desafios.

Na atual sociedade, ser professor não é suficiente apropriar-se de um conteúdo e apresentá-lo aos alunos, mas é necessário também conhecer o educando, pois faz parte do papel e do desempenho pelo professor saber o que ensinar, para que e para quem, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em sua prática social.

O docente tem um papel social e político insubstituível, mesmo diante das diversas tecnologias de acesso a informação. Ainda é imprescindível a atuação humanizadora, reflexiva e crítica do professor, que gerencia o conhecimento até o aluno.

Assim, “os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos” (CURY, 2003, p.65).

Então, o professor é uma autoridade na educação e na formação dos indivíduos, que deve ter autonomia nas suas atitudes e receber o apoio da família nesse processo, pois são parceiros na construção do cidadão. Além dessa parceria, a formação do docente é muito importante:

O bom senso e a experiência podem ajudar no gerenciamento de sala de aula. Manter os alunos sempre ocupados com atividades que lhes interessem e que exijam concentração pode ser um fator fundamental para evitar a indisciplina. O professor deveria ter condições de preparar sua aula antes de entrar em sala procurando prever a dosagem, o nível de dificuldade e a duração de cada atividade, evitando seu excesso ou a ociosidade dos alunos (OLIVEIRA, 2005, p.65).

Desse modo, é importante a presença da família junto à escola como meio de disciplinar, educar e formar o indivíduo, porém não pode deixar de destacar que ao falar da escola não significa somente o papel do professor, mas também a presença dos profissionais da administração escolar, a direção e a coordenação pedagógica.

Isso porque, há necessidade de problemas como indisciplina escolar serem discutidos não só nas reuniões de pais e mestres ou nos horários de

estudo dos professores, mas também durante a construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, pois é um documento em que estão os princípios e metas que são discutidas e rediscutidas pelos membros da escola.

Nesse sentido, a realidade da escola atualmente está marcada pelo “não saber o que fazer” dos professores, diretores, coordenadores e acabam culminando em regras que muitas vezes são impostas aos alunos e são constituídas em sua maioria apenas de deveres que não são cumpridos.

Se for preciso propiciar a autonomia do educando, é preciso também rever nosso sistema de regras dentro da escola. Elas sem dúvida são necessárias, mas é fundamental que se tenha a preocupação em garantir a sua clareza e a transparência na sua apresentação como também a coerência das sanções, sem nos esquecermos de que somente a existência de regras, coletivamente definidas, pode esclarecer que atitudes os alunos devem evitar em sala de aula e na escola, visto que as regras implicam o entendimento do conceito de moral e ética (OLIVEIRA, 2005, p.63).

Nesse sentido, o professor precisa ter clareza do que é ética e moral, pois suas atitudes serão norteadas por estes conceitos. No processo educativo é importante que os professores considerem “que em uma educação voltada para a autonomia é preciso entender que as crianças têm vontade própria, que são competentes e, dentro de suas possibilidades, capazes de construir conhecimento e interferir no meio em que vivem” (OLIVEIRA, 2005, p. 63).

No entanto, a atuação pedagógica do professor regida pela ética não permitirá que o aluno faça tudo que quiser, vai ter limites intervenção e ensinamentos de que os alunos necessitam para viver e trabalhar neste mundo de evolução, bem como orientá-los para a vida.

O trabalho com a moral, em termos de educação, está em conhecer as regras que são pautadas em princípios e conseguir encontrar nesses princípios um valor. Então, para conter a indisciplina não significa impor regras doutrinárias.

Mesmo que na maioria das vezes, usarmos do autoritarismo em sala de aula tem servido ainda como medida paliativa, como uma das formas de minimizar os problemas de indisciplina. O que mostra uma grande ambiguidade no discurso de muitos educadores que pregam a necessidade de formar o aluno autônomo e que na prática se mostra totalmente autoritário e mecanizado.

A criança desde cedo sente a necessidade de questionar e a prática educativa precisa ajudá-la a encontrar respostas para os questionamentos de forma saudável, porque muitas das vezes os atos de indisciplina são ações de revolta, de protesto aos conflitos na escola, na família e na sociedade, para chamar a atenção do educador.

Assim, o conhecimento da prática educativa faz com que o professor tenha consciência de que ensinar hoje não é jogar um monte de coisas e esperar que estes estudantes ajam como a geração no século passado, pois os tempos, a realidade e o contexto são outros. Os alunos querem experimentar, serem desafiados a descobrirem novas possibilidades e se não entender o contexto de cada um não é possível ajudá-los.

Nesse sentido, é preciso compreender o conceito de liberdade do aluno para não se transformar em bagunça e indisciplina, pois com o efeito da evolução das condições gerais de vida, em todos os meios, as crianças tornaram-se mais independentes, menos dispostas a obedecer à autoridade dos adultos. E isso na sala de aula tem se manifestado em atos como a falta de respeito dos alunos, gritos, desordens como se tudo estivesse ao alcance ao seu tempo e hora.

Assim, ressalta-se a necessidade de os cursos de formação de professores contemplarem as discussões sobre a indisciplina escolar, instrumentalizando seus acadêmicos para tratar das questões de indisciplina que certamente estarão inseridas na escola.

E, aos professores em exercício, proporcionar também, através dos programas de formação continuada apoio pedagógico e instrumentalização para saber argumentar, compreender e intervir diante da indisciplina presente em sala de aula.

2.2.4 Famílias, escolas e indisciplina no processo educativo: buscando novas abordagens, novos significados

Um dos desafios mais pronunciados da educação atual é a dificuldade em aproximar a família e a escola, muitos educadores acreditam que a família deixa a responsabilidade de aprender ou muitas vezes educar só como dever dos docentes, não cooperado com o trabalho escolar.

Sendo assim, o professor acaba assumindo a função de pai, mãe, psicólogo, para dar conta de educar a criança, todavia sozinho sem a ajuda dos pais, torna-se difícil alcançar bons resultados, sobretudo, para se obter uma aprendizagem adequada, a família deve manter-se ativa, dividir responsabilidades e expor opiniões.

Podemos inferir que mesmo as crianças provenientes de lares comprometidos, cujo ambiente familiar é desprovido de adequados estímulos e orientação, terão condições de superar este caso tenham a oportunidade de vivenciar, em outros contextos educativos, um modelo diferente de educação. Neste sentido, a escola é entendida como um local que possibilita uma vivência social diferente do grupo familiar (REGO 1996, p. 98).

Assim o educador, depara com situações complexa, tendo que fazer o papel de mediador da família ao aluno ensinando condutas básicas que deveriam vir da família, além disso, muitos docentes não preocupam com a organização escolar, afetividade e realidade dos alunos são as possíveis causas da indisciplina.

Atualmente, “Não se fala hoje, da necessidade de o professor adquirir uma nova identidade, não se fala na formação integral do professor” (PARRAT-DAYAN, 2008, p.13).

Diante dessas inquietações a escola necessita desenvolver um trabalho com ações pedagógicas em parceria com a família, buscando soluções para diminuir a indisciplina, numa diretriz de base disciplinar ampla em consonância com o Projeto Político Pedagógico. “É preciso, reinventar continuamente os conteúdos, metodologias e a relação. E isto também é conhecimento” (AQUINO, 1996, p. 53).

É visível que o tempo dos pais, disponível para ficar com os filhos, reduziu muito na sociedade atual, visto que estão inseridos cada vez mais no mercado de trabalho, mas não pode deixar de exercer seu papel, que é proporcionar uma boa educação e impor limites nos seus filhos.

À força da família estar em transmitir ao filho a diferença do que é aceitável ou não dizer não é impor preceitos, é uma forma de dizer que ama e se preocupa além do mais é preciso que a criança seja preparada nesse sentido para não ser frustrada e indisciplinada agindo dessa forma acreditamos que teremos no ambiente escolar um índice menor de indisciplina.

Parrat-Dayan (2008, p. 85) traz a resposta que muitos pais e professores procuram diante a ação de indisciplina: “A criança não assumirá responsabilidades apenas pelo fato de lhe dizerem para ser responsável é um processo progressivo que a escola e a família deveriam facilitar essa tarefa”.

É possível notar que o limite proporcionado com afeto, o aluno aceita com facilidade, embora não é um trabalho simples, mas geralmente há compreensão. Além da família, cabe à escola este papel. Afinal, os educadores continuam a abranger parte considerável da responsabilidade pela formação da criança.

Nesse sentido “a estruturação escolar não poderá ser pensada separada da família. Em verdade, são elas as duas instituições responsáveis pela educação” (AQUINO, 1996, p. 46).

Outro fator a ser abordado refere à atitude dos pais e suas práticas de criação e educação que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

Coerente com esta perspectiva, na literatura especializada três estilos de práticas educacionais paternas, predominante na maior parte das famílias e suas influências sobre o comportamento da criança.

Chamam de “pais autoritários” aqueles que, além de serem poucos comunicativos e afetuosos, são bastante rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. Valorizam a obediência às normas e regras por eles definidas sem a preocupação de explicar às crianças as razões destas imposições nem consultá-las acerca do assunto; fazendo uso de severas ameaças, do castigo físico e de outras medidas disciplinares, caso a criança venha transgredir diante de uma destas prescrições. Em contrapartida, “os pais permissivos” valorizam o diálogo e o afeto, sentem enorme dificuldade em exercer algum tipo de controle sobre a criança. Conseqüentemente, são bastante tolerantes. Além de marcante ausência de regras e normas capazes de nortear as ações cotidianas da criança, esses pais não costumam exigir responsabilidade de seus filhos (MORENO E CUBERO, 1995, p. 26).

Face ao exposto, é impossível negar a importância e o impacto que a educação familiar tem sobre o indivíduo. Assim, sendo os pais autoritários determinam as regras sem contestação, porém os resultados serão filhos tímidos, com autoestima baixa, apreensivos, autosuficientes e descontentes.

É interessante observar que a família permissiva não impõe regras, por isso os filhos são mais alegres que a dos pais autoritários, todavia os filhos são

imaturos não assume responsabilidades. Já os que recebem educação democrática apresentam autonomia, autocontrole, apreciam os valores morais recebidos em sua família. A disciplina é posta de forma sintética, a relação entre pais e filhos é aberta e clara, baseada no respeito mútuo.

É presumível que há professores altamente permissivos, não conseguem manter um bom diálogo, todavia os docentes precisam se reciclar pedagogicamente, aparelhar seu psiquismo para encantar seus alunos, resolver conflitos em sala de aula e inovar suas práticas para melhor educar.

Essa visão dicotômica do professor duro versus o professor bonzinho certamente não traduz toda a realidade sobre os tipos possíveis da relação professor aluno. É possível ele ter um papel, enérgico muitas vezes, sem ser autoritário, desde que os alunos sintam que são respeitados, que existe coerência em suas ações, que ele não busca privilégios para si ou para alguns alunos em detrimento de outros, e que pauta suas cobranças sem princípios de reciprocidade (ARAÚJO, 1996, p.112).

Diante disso a escola deve se organizar de forma democrática, oportunizando uma maior interação com os pais, criando espaço para que os mesmos possam dar sugestões, expor suas dificuldades, participar das decisões tomadas pela escola, orientá-los sobre a importância da família para educação, sendo essencial proporcionar momentos de lazer e descontração entre equipe escolar, pais e alunos, já que esses encontros são fundamentais para o melhoramento da autoestima, bem como reforçar valores.

Só uma escola democrática poderá educar para a cooperação e o respeito mútuo. E a escola democrática, é construtivista. Dessa maneira, dentro da aula o professor não deve ser o único que toma as decisões, mas ao contrário, deve consultar e debater com os alunos. Veremos como o debate, assim como outros dispositivos, é uma ferramenta que nos permite trabalhar (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 70).

A escola democrático-participativa torna-se indispensável para direcionar os caminhos em que a escola precisa seguir o que orientam a ação educativa. Esse processo de escolhas em prol de uma educação com qualidade acontece de forma compartilhada com todo corpo escolar, família, educando e comunidade, de maneira a assegurar a liberdade de opiniões, a valorização dos membros envolvidos e a prática social, com o propósito de promover uma

aprendizagem enriquecedora. Tal concepção da afinidade família-escola é fundamentada que:

Não podemos ignorar a importância de uma pedagogia que articule o projeto da escola com as famílias, mas cabe também questionar esse forte apelo que tem sido à população na tarefa de melhoria da qualidade de ensino. Tal intervenção não representa igualmente a repetição de práticas de transferências de responsabilidade da educação para os pais? Ou, ainda uma estratégia para desviar o foco dos verdadeiros problemas educacionais? Esses são alguns dos questionamentos que sugerem trabalhos de investigação, uma vez que faltam estudos que proporcionem uma problematização consistente nesse campo das políticas de aproximação família-escola tanto do ponto de vista teórico quanto empírico (ZAGO, 2012, p. 208).

É necessário que a escola e família busquem métodos que visam solucionar os conflitos que surgem no educandário, de maneira consciente assumindo os seus papéis, e compreendendo que cada uma tem a sua função.

Bem como, é de fundamental importância que a família exerça a sua função de formadora do sujeito, como tutora de seus filhos sendo responsável pela educação, valores e ética de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, assim como se espera que a escola cumpra o seu papel de construtora do aprendiz, caminhando juntas para o desenvolvimento de indivíduos adequados e cumpridores dos seus deveres.

2.2.4.1 As contribuições de Zago, Afonso e Paixão no enfoque da analogia família e escola

Na abordagem “muitas outras questões poderiam ser levantadas para indicar que as relações entre a família e escola podem ser abordadas mediante diferentes ângulos de análise” (ZAGO, 2012, p.134).

No campo da produção sociológica brasileira, pode se notar um interesse voltado para a compreensão do lugar social da escola em diferentes grupos sociais, assim como as estratégias da família e uma preocupação com a articulação das dimensões macro e micro social.

Na visão de Afonso (1993, p. 149) “é de acordo com a cultura dominante na escola, a participação dos pais só é considerada nos termos definidos pela própria escola”. Assim, entende-se que é a escola, ou seja, são os professores

que determinam o que deve ser o envolvimento e a participação dos pais e encarregados de educação.

Na mesma linha de pensamento se situa que “a família por intermédio de suas ações, tanto matérias quanto simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos” (ZAGO, 2012, p.136). Trata-se de uma presença que resulta em aportes muitas vezes sutis, nem sempre conscientes ou intencionalmente dirigidos.

No entanto, apesar da importância que pode desempenhar na carreira escolar do filho, ela não garante sua permanência na escola. Além disso, os comportamentos escolares adotados pelos alunos não se reduzem às influências do ambiente doméstico.

Fica então evidente a necessidade de considerar também o aluno como parte ativa do seu próprio percurso e as relações que ele estabelece, para além do meio familiar e escolar, com outras instâncias de socialização, seja no bairro, ou em qualquer ambiente, entre outras formas de interações sociais. É preciso ir então além do estritamente escolar para compreender a realidade escolar e sua relação com a vida dos alunos.

Na perspectiva, “o professor não é um profissional da venda de mercadorias ou serviços” (PAIXÃO, 2012, p.164). O seu trabalho, como o do médico, do assistente social e de outros é carregado de forte conotação moral, na medida em que tem como alvo o outro.

Para realizar trabalhos como esses os atores da prática precisam acreditar em certo número de valores. De certa forma o professor precisa acreditar que o ensino contribui para liberação dos indivíduos. Em nosso campo, utilizamos com frequência, os termos educação para cidadania, liberdade, para democracia.

Vale ressaltar que a “tendência para considerar que o envolvimento dos pais nos assuntos da escola só é necessário quando existem [problemas] como notas negativas, faltas injustificadas ou mau comportamento” (AFONSO, 1993, p.148).

Embora “a necessidade de se ampliar a relação entre a escola e a família está presente na mídia e é assunto dos profissionais da escola e de autoridades responsáveis por políticas de educação” (PAIXÃO, 2012, p.151).

Todos defendem a necessidade das famílias colaborarem com a instituição escolar em seus objetivos e de esta aproximar dos pais.

Uma justificativa utilizada com frequência relaciona-se aos resultados pedagógicos dos alunos. A escola, em especial, trabalha com o suposto de que a eficiência de seu trabalho depende do apoio dos pais em casa.

Com essas observações quero afirmar que é preciso levar em conta os tipos de relações dos pais com a trajetória escolar do filho e os investimentos do filho na sua própria escolarização, supõe que o desejo dos pais seja fortemente interiorizado pelo filho. "As explicações são, no entanto, complexas e não dependem unicamente das mediações restritas ao âmbito familiar" (ZAGO, 2012 p.146).

2.2.4.2 A indisciplina a partir das perspectivas teóricas de Durkheim, Piaget e Vygotsky

Silvia Parrat-Dayan (2008), em seu livro "Como enfrentar a indisciplina na escola" descreve os olhares de Durkheim e Piaget sobre a indisciplina na sala de aula. Durkheim (1994), sociólogo que escreveu sobre a Educação Moral acredita na educação tradicionalista e entra em incongruência com as atuais aquisições da Psicologia e com a Pedagogia nova.

Na perspectiva esboçada por Durkheim (1994), na criança predomina a fantasia e a mobilidade, porém apesar da mobilidade, ele acredita que os rituais são importantes na vida da criança.

Os postulados de Durkheim (1994) permitem analisar que as regras na escola são necessárias e constituem um instrumento insubstituível da educação moral. O professor deve impô-las. Por isso tudo dependerá do professor.

Porém diante da autoridade da regra, o domínio do educador deve passar para um segundo plano. Ele opõe-se a educação que preconiza a escola ativa e que se funda no interesse individual e na livre iniciativa. Assim o autor diz que na vida nem tudo é brincadeira e que por esse motivo é necessário que a criança se prepare para o esforço.

Piaget (1980), ao contrário de Durkheim (1994), expõe que as regras seguidas pelas crianças são resultantes das relações sócias e que não existe

apenas um tipo de autoridade nem apenas um tipo de regra, não o professor que deve impor a regra à criança. O educador é um colaborador. Só assim pode surgir a indisciplina desejada pelas próprias crianças.

Conforme exposto anteriormente Durkheim (1994) nem se preocupa com essa questão. Para ele, toda autoridade deriva da sociedade e o professor é o intermediário entre a sociedade e a criança. Por isso, tudo depende do docente e a regra é como uma revelação que o adulto dá a criança.

Para Piaget (1980) existem dois tipos de regra e autoridade: a regra devido ao respeito unilateral e do respeito mútuo. Esses dois tipos de regra chegam a resultados opostos. A regra da coação, vinculada ao respeito unilateral, é considerada como sagrada.

É exterior à consciência da criança e não chega a ser obedecida de maneira efetiva. A regra devida ao acordo mútuo e á cooperação nasce no interior da consciência da criança e é praticada positivamente na medida em que relaciona com a vontade autônoma da criança.

Tanto Piaget (1980) quanto Durkheim (1994) consideram o sentimento do bem e a consciência do dever como aspectos essenciais para compreender a ação moral, mas divergem na explicação de como se chega à obrigação da consciência em agir de acordo com o sentimento do bem.

Para Piaget (1980), quando Durkheim (1994) fortalece o papel da autoridade como única fonte para a constituição moral acaba por submeter o bem ao dever. Se a criança não ultrapassar a moral do dever puro, não desenvolverá autonomia.

Assim é possível notar, na perspectiva esboçada por Vygotsky (1996) no Livro “Indisciplina na Escola de Rego” permitem que “analisemos o fenômeno da indisciplina num quadro mais amplo menos fragmentado do que o geralmente difundido nos meios educacionais” (VYGOTSKY, 1996, p. 95), pois inspira uma visão abrangente, integrada e dialética dos diferentes fatores que atuam na formação do comportamento e desenvolvimento individual.

Conforme exposto anteriormente, Vygotsky (1996) assegura que os traços de cada ser humano, estão intimamente vinculados ao aprendizado por intermédio das pessoas mais experientes, do legado de seu grupo cultural.

Desse modo é possível afirmar que um comportamento indisciplinado de um indivíduo dependerá de suas experiências de sua história educativa, que,

por sua vez sempre terá relações com as características do grupo social e da época histórica em que insere.

Bem como as ideias defendidas por Vygotsky (1996) ressaltam claramente o papel que a indisciplina não deve ser encarada como alheio a família nem tampouco á escola, já que, na nossa sociedade, elas são as principais agências educativas.

Entendemos que as contribuições da psicogenética Vygotskiana são bastante fecundas e inspiradoras para a reflexão pedagógica de um modo geral e especialmente para a análise da indisciplina.

Por outro lado, os conceitos de Vygotsky (1996) nos sugerem que, caso a indisciplina esteja instaurada em determinada prática, suas causas, assim como as possíveis soluções para este fenômeno, devem ser buscadas também nos fatores interno do ambiente escolar.

Em outras palavras, mais do que esperar a transformação das famílias ou lamentar traços comportamentais que cada aluno apresenta ao ingressar na escola, é necessário que os educadores concebam estes antecedentes como ponto de partida e, principalmente, façam uma análise profunda e consequente dos fatores responsáveis pela ocorrência da indisciplina na sala de aula.

Partindo destas premissas, Vygotsky (1996) discorre que um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta se inquieta e movimentada na sala, mas sim como que não tem limites, que não respeita a opinião e sentimentos alheios, que apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e de se autogovernar.

2.2.5 A importância da escola e da disciplina no processo de ensino-aprendizagem no contexto social

A escola é um ambiente privilegiado na construção de conceitos, no desenvolvimento cognitivo, intelectual, físico, mental e social do aluno. O espaço escolar não pode mais se restringir à tarefa de ensinar o saber sistematizado, seu papel é mais amplo e profundo na atual sociedade, ou seja, levar o indivíduo a ser mais crítico, mais comprometido e mais otimista em relação à aprendizagem.

Suas responsabilidades atuais são bem maiores, cabe-lhe a missão de promover a integração harmoniosa do educando no seio da comunidade, fornecendo-lhe todos os elementos importantes para o progresso individual e social.

Dessa forma, a escola é uma das mais importantes instituições da sociedade, que tem como função tradicional a de facilitar a inserção do indivíduo no mundo social, visando o mercado de trabalho.

Porém, ao longo do tempo essas funções foram sendo ampliadas, passando a abranger outras como as de cuidar das crianças enquanto os pais trabalham; a socialização colocando as crianças em contato com outras e ensinando normas básicas de conduta; a aquisição de habilidades básicas como ler, escrever, expressar-se, lidar com a noção de tempo e espaço, os conhecimentos científicos; a orientação sexual na adolescência, visto que é uma fase de muitas mudanças biológicas e psicológicas que ocorrem no organismo.

Além disso, cabe também à escola promover os processos de avaliação de aprendizagem das competências e habilidades adquiridas pelo aluno, que permitirão a iniciação de um nível escolar para outro. Então, a escola tem muitas funções para serem desempenhadas e isso faz com que as crianças acabem permanecendo mais tempo na escola do que em companhia de seus pais.

A possibilidade de formar o cidadão para o mercado de trabalho e para a vida está diretamente ligada à frequência escolar. Portanto, a escola contribui para a formação e desenvolvimento da sociedade, pois transmitem valores morais que integram o meio social e a atuação dos cidadãos é um reflexo da formação escolar.

Desse modo, a escola pode exercer um papel decisivo nas mudanças sociais, pois quando:

O professor ao dar uma aula, não desenvolve apenas o conteúdo da sua disciplina. Acaba por influir muito na forma de como o aluno poderá entender a sociedade em que vive, com isso queremos dizer que um professor sempre revela aos seus alunos as suas opiniões sobre o que acontece na sociedade ou na escola, sempre acaba colocando seus valores e concepção de vida. Por isso ao dar suas aulas, todo o professor faz mais do que desenvolver um conteúdo: influi nas concepções de vida do aluno (MEKSENAS, 1991, p 112).

Freire (1999) mostra que, a educação não é neutra e estão carregadas de ideologias, conceitos, imagens e representações que revelam as influências sociais, econômicas e políticas. Ou seja, sociedade e escola ambas são reflexas uma da outra.

Nesse sentido, assim como a sociedade que é composta por diferentes formas de pensar, agir e organizar; a escola também apresenta essa heterogeneidade, que para um bom relacionamento e desenvolvimento de todos existem regras, leis, condutas e princípios a serem seguidos.

No espaço escolar são elaboradas regras e a própria atuação do professor estabelece algumas condutas de comportamento permitidas ou não pelos alunos. É uma forma de organizar o espaço e tempo para trabalhar o processo de aprendizagem. A escola tem um período de dias letivos para cumprir com uma grade curricular e desenvolver determinadas habilidades a cada faixa etária e ano de ensino.

Então, a disciplina pode ser interpretada como um conjunto de regras que servem para o bom andamento da aprendizagem escolar. “A disciplina é uma relação radicalmente democrática na qual, porém, jamais o educador será igual ao educando, uma vez que eles possuem diferenças” (FREIRE, 1985, p. 19). Sem a disciplina, ou seja, a ordem; o respeito seria impossível desenvolver o trabalho pedagógico, a organização de uma empresa e da sociedade como um todo.

Contudo, a disciplina nasce da autoridade que o professor exerce sobre o aluno, mas deve ser no sentido de ajudar no crescimento do estudante. Freire (1985) coloca que a proposta disciplinar de uma escola deve estar baseado nos princípios de uma educação que seja “libertadora democrática e transformadora”.

Desse modo, a disciplina deve ser implantada por meio de trabalhos participativos, a valorização das diferenças, o diálogo com a família e a conscientização dos alunos.

O processo educativo não é fácil, embora a escola seja um espaço especializado na formação do indivíduo, mas sem a participação da família torna-se mais difícil disciplinar o aluno a conviver com as regras de bom funcionamento da instituição. Isso porque, a tarefa de formar conceitos, valores

éticos e morais, comportamentos é um dever da família, da escola e da sociedade.

Na relação de ensino-aprendizagem a disciplina é peça chave no convívio entre professor-aluno:

Da parte do professor, este possui quatro funções: a de o que ensina, transmitindo o que sabe; a do que é o coordenador de um grupo de alunos, que identifica as dificuldades existentes na classe e proporciona um bom andamento; a de membro do corpo docente, que escuta as reclamações dos alunos a direção e busca responder adequadamente a reclamação para o aluno reclamante; e a de empregado da instituição, que possui como todo empregado direitos e obrigações. Da parte do aluno, este é a peça chave para a disciplina e o sucesso de aprendizado, pois a maior dificuldade que este encontra, está situada na falta de motivação que o leve a estudar (TIBA, 1996, p.118).

Assim, professor e aluno são protagonistas no processo de disciplina na formação escolar, porém não são determinantes, pois fatores como familiar, a organização do ambiente com salas superlotadas, calor intenso, falta de apoio social são influentes para não cumprir a disciplina, dando origem ao problema maior da escola que é a indisciplina escolar.

2.2.6 As mudanças sociais que contribuíram para os problemas da indisciplina

A indisciplina tem se apresentado como uma das maiores dificuldades que a escola enfrenta na sociedade contemporânea e que tem provocado perdas e atrasos no processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos, pois atrapalham o desenvolvimento das aulas dos professores e conseqüentemente dos alunos que querem realmente aprender.

Para tanto, faz-se necessário entender o que é indisciplina, entendida de diferentes maneiras e muda de acordo a época, que pode estar ligada ao comportamento e conduta como rebeldia, rejeição à aprendizagem, falta às aulas, falta de respeito com os colegas e os docentes, não levar os materiais escolares ou não fazer tarefas, agredir colegas, professores e demais profissionais da educação com palavras de baixo calão, destruição dos materiais de colegas e dos espaços escolares entre outras atitudes.

Para tanto, é importante compreender os possíveis motivos da indisciplina, que vêm acompanhadas de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. A escola, assim como a sociedade sofreu mudanças quanto a sua legislação, seus valores, sua cultura. As mudanças no mundo do trabalho e na gestão política também contribuíram para a origem de novas formas de pensar e fazer a educação, tendo em vista a constituição de um novo sujeito.

Quando olhamos para o cenário mais geral do funcionamento da sociedade contemporânea e focamos o perfil das instituições existentes ou daquelas novas que estão nascendo, verificamos que a escola, na verdade, está no epicentro de uma crise institucional provocada por uma mudança profunda na lógica do capitalismo atual e da cultura que o acompanha [...] (JUSTO, 2010, p. 29).

A escola era destinada o papel de disciplinar e o professor visto como o detentor do conhecimento e o aluno passivo. Como Freire (1996) afirma uma educação bancária onde depositava, transmitia o conhecimento. A própria organização do ensino dava destaque à imagem do professor como superior aos seus alunos. Com o advento da pedagogia da Escola Nova, que o aluno passa a ser o centro do processo de aprendizagem e que deveria prevalecer a liberdade.

Nessas novas abordagens da Educação Nova, em 1932 com o Manifesto dos Pioneiros afirmam que a disciplina só ocorrerá no ambiente escolar democrático, que permita e propicie à construção da autonomia das crianças, nessa abordagem, as sanções e a intervenção do adulto não são anuladas, mas a criança submete-se as regras mais facilmente, porque contribui com o processo de formulação, reformulação das regras e sanções.

Acabou-se que essa liberdade de se expressar, de considerar a diversidade e o contexto na sala de aula foi substituída pela liberdade excessiva, o que contribuiu para a perda de autoridade e de autonomia do professor e a falta de limites. Por outro lado, a organização da família também mudou com a nova ordem econômica e política do capitalismo.

As famílias que antes tinham a figura do pai que trabalhava fora e a mãe que cuidavam dos filhos. Agora essa organização mudou, pois são pais que trabalham o dia inteiro fora delegando a educação à escola e em muitas das vezes a terceiros.

O convívio é muito importante na construção de conceitos, valores morais e éticos e a própria participação da família na escola no acompanhamento da escolarização. Assim, “a força dos pais está em transmitir aos filhos a diferença entre o que é aceitável ou não, adequado ou não, entre o que é essencial e supérfluo, e assim por diante” (TIBA, 1996, p.16).

A partir dessa reflexão, pode-se afirmar que é papel da família ensinar os princípios do que é certo e errado, onde e com quem deve orientar nos estudos, intervir junto aos professores no processo de ensino-aprendizagem. A família é a instituição de formação da base de valores do indivíduo.

Dessa forma, quando a base familiar apresenta alguma deficiência influencia diretamente no comportamento e no desenvolvimento da criança, principalmente na escola. Em muitos dos casos a indisciplina escolar está relacionada aos problemas familiares como a falta de limites, de acompanhamento e orientação.

Nesse sentido, as diversas manifestações da indisciplina são um desafio para os educadores em sala de aula e na escola e tem sido a causa de muitos problemas de caráter para o processo de ensino-aprendizagem.

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro (VASCONCELLOS, 1997, p. 248).

Assim, fica evidente a importância dos limites tanto no espaço familiar quanto na escola, em que o indivíduo precisa aprender a obedecer às regras como forma de boa convivência e autocontrole. A escola e a família ao passo que cumprem seus papéis na formação da criança, do adolescente e do jovem assumem a responsabilidade no processo de transformação social.

Outro ponto marcante da história da educação brasileira, que influenciou na organização do ensino foi à aprovação da Constituição Federal de 1988, que instituiu a educação como sendo:

Direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (art. 205).

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; [...] IV- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais. Com a finalidade de garantir o direito à educação, a organização da educação se apresentou no texto constitucional sob a forma de regime de colaboração entre os entes federados, os quais têm autonomia para organizar os seus sistemas de educação. A responsabilidade primeira dos sistemas é a de garantir o direito de acesso à educação respeitando, entre outros, os princípios de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”; e “garantia de padrão de qualidade” (BRASIL, 1988, Art. 206, incisos I e VII).

Isso significa que, democratizou o acesso e a permanência na escola, mas os espaços, a organização dos currículos e a prática pedagógica continuaram os mesmos de quando os alunos eram advindos das classes sociais favorecidas com realidade socioeconômica singular,

A democratização da escola ocorreu sem que houvesse previamente uma estrutura básica que garantisse: acomodação adequada para os educandos (escolas e salas de aula com instalações apropriadas, carteiras escolares decentes e suficientes, espaço para recreação etc.); condições dignas de trabalho para professor (materiais didáticos, mobiliário adequado e equipamentos necessários); preparação do professor para lidar com as diferentes realidades dos educandos e, conseqüentemente, a qualidade da educação oferecida (OLIVEIRA, 2005, p. 71).

Com a democratização da educação chega um novo público com diferenças culturais, advindos de classes sociais menos favorecidas, sem estrutura financeira e social, porém o ensino continuou homogêneo sem a valorização da diversidade e ainda permanece igual apesar de algumas mudanças.

O próprio sistema exclui os indivíduos, a organização do espaço ficou pequena para o grande número de alunos que chegava à escola. Tudo isso interferem no comportamento dos alunos, muitos respondem a esses estímulos negativos com a indisciplina. E nesse contexto é que entra o papel do professor com identidade profissional capaz de lidar com esses conflitos na sala de aula sendo possível promover práticas educativas significativas e de inclusão.

Cabe ressaltar ainda que, a indisciplina não tem uma única causa, muito menos sua definição pode ser ligada somente ao comportamento. Como discute Garcia (1999, p. 102), o conceito de indisciplina:

[...] apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Um entendimento suficientemente amplo do conceito de indisciplina escolar precisa integrar diversos aspectos. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico [...] (GARCIA, 1999, p. 102).

A realidade da sociedade muda-se com o tempo, assim como a visão e as atitudes para resolver os problemas de indisciplina na escola. Como Garcia (1999) afirma a indisciplina não é um fenômeno estático, está evoluindo na escola. Ou seja, a indisciplina de anos atrás não tinha as mesmas origens, causas das dos dias atuais, assim as atitudes de resoluções não serão as mesmas.

[...] o contexto histórico da época era diferente da atual, a escola era para poucos, escola elitista, regime militar, onde só permanecia quem se adaptasse a ela. Escolas extremamente militarizadas no seu funcionamento diário, tendo como metodologia as ameaças e os castigos, assim era obtido o chamado respeito que tanto é desejado hoje. A escola não era obrigatória e se uma criança não estudasse não fazia diferença para a sociedade (PIMENTA, 2012, p.26).

Nessa época, a figura do professor era vista como superior aos seus alunos, por ser o transmissor, o detentor do conhecimento e tinha como função o poder de punir com castigos aos que não cumprissem as regras de funcionamento ou tivessem alguma atitude entendida pelo docente como desacato.

Atualmente, já não é possível trabalhar na sala de aula dessa forma, pois o aluno é um ser cognoscente e atuante no processo de ensino-aprendizagem e o professor mediador.

O contexto da própria legislação de direitos da criança e do adolescente – o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) não permite que a criança seja punida com castigos físicos. Assim, não é possível organizar uma sala de aula como antes de forma silenciosa, porque o aluno carrega consigo conhecimentos de mundo, que são trocados em grupos por meio da interação, da troca entre os diferentes grupos. O professor precisa do diálogo para saber como o educando está aprendendo.

Isso mostra que os contextos históricos, sociais, políticos e econômicos da época influenciam diretamente na organização das práticas de ensino e nas formas de condutas e de comportamentos dos sujeitos.

Os atos de indisciplina podem ser decorrentes de algumas imposições colocadas pelo sistema escolar, tais como: [...] turmas numerosas, escolas superlotadas, falta de material didático, sistema de avaliação do rendimento dos alunos, trabalhos burocráticos excessivos, remuneração insatisfatória, dentre outros. Há, também, fatores de estrutura física da escola como: edifícios impróprios e degradados, sala de aula apertada, com pouca ventilação e pouca iluminação, sala que sofre interferência do barulho de fora, etc. que, com certeza, irão interferir negativamente no comportamento dos alunos (OLIVEIRA, 2005, p. 71).

A própria organização do sistema educacional acaba por desmotivar a atuação dos profissionais para qualquer iniciativa, pois ainda é muito grande a desvalorização da classe docente tanto na questão salarial, pedagógica, psicológica e segurança física. Isso porque, tem se tornado cada vez mais difícil à interação professor-aluno, as escolas perderam seu eixo de ensino, suas regras estão difíceis de serem cumpridas.

2.2.7 Limites, disciplina e o papel da escola

Devido às modificações ocorridas na estrutura das famílias nas últimas décadas somadas à evolução dos meios tecnológicos e a influência da mídia que tem trazido muitos transtornos aos pais. Assim, estes não conseguem estabelecer os limites necessários e, principalmente aos professores na escola que acabam sendo os responsáveis por educar e dar limites às crianças.

A falta de limites no processo de formação do indivíduo tem como consequências o desrespeito na sala de aula, a desmotivação dos alunos, a falta de valores e modos, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento e indisciplina escolar.

Dessa forma, assim como a família, a escola também é o lugar onde o aluno aprende que, para se socializar, é preciso obedecer às regras impostas pela sociedade. No entanto, os limites colocados pela família são vistos como alicerce para a continuidade das demais instituições educativas da sociedade, pois:

Quando os pais não colocam limites para os filhos desde sua infância, estão contribuindo para formar cidadãos que não compreendem suas responsabilidades e que não respeitam normas e o outro, acabam colhendo aquilo que semearam com sua educação (WHITE, 1976, p. 11).

Cabe aos pais impor limites, mostrar o errado e corrigir os filhos para sua formação equilibrada. Para tanto, se faz necessário que desde cedo à construção dos limites e o disciplinamento dos comportamentos da criança sendo necessário que os pais saibam dizer não e sustentá-lo.

A mãe não deveria permitir desobediência. Para isso, o maior segredo é a mãe obedecer a seus próprios “não”. Significa que só deve proibir algo que ela realmente possa sustentar, sem logo transformá-lo em “sim” ao menor motivo. A obediência fica garantida pelo respeito que a mãe exige do filho (TIBA, 2002, p. 40).

É importante que haja o equilíbrio entre o “não” e o “sim”, para que a opinião e os desejos da criança também sejam considerados. Por isso que, educar é uma tarefa difícil:

Educar dá trabalho, pois é preciso ouvir o filho antes de formar um julgamento; prestar atenção em seus pedidos de socorro (nem sempre claros) para ajudá-lo a tempo: identificar junto com o filho onde ele falhou, para que possa aprender com o erro; ensiná-lo a assumir as consequências em lugar de simplesmente castigá-lo por mais fácil que seja; não resolver pelo filho um problema que ele mesmo tenha capacidade de solucionar; não assumir sozinho a responsabilidade pelo que o filho fez, por exemplo, ressarcir prejuízos provocados por ele ou pedir notas aos professores (TIBA, 2002, p. 29).

Desse modo, viver em sociedade requer o cumprimento de regras para possibilitar uma boa convivência, diálogo e cooperação entre os membros. E a escola por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras para o seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam, ou seja, a disciplina na escola é um fator determinante para o bom desenvolvimento do aprendiz e do professor.

A disciplina é algo que se constrói em parceria, na família é a união dos pais e os filhos, na escola é o professor e o aluno. Disciplina “é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola” (TIBA, 1996, p.117).

Isso significa que quando o professor está na sala de aula, ele deve saber o que fazer e como agir diante da turma para passar segurança e firmeza nas atitudes. Assim, desde o início deve disciplinar colocando limites, porque se não fica difícil cobrar depois.

Dessa forma, o esforço e a determinação do aluno e do docente precisam de disciplina. Assim, “a disciplina no espaço escolar, constitui-se em uma ferramenta que auxilia no estabelecimento da ‘ordem’ e representa os interesses de um grupo” (MAGALHÃES JR, 2002, p. 26).

Assim, as normas e regras são de suma importância para o bom convívio no ambiente escolar e no desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Se o aluno for disciplinado, desde a organização dos horários de estudo, do material, o respeito às normas, a dedicação na compreensão das matérias acaba facilitando o desenvolvimento cognitivo.

Desse modo, situação semelhante é na atuação do docente, pois se for totalmente liberal, não conseguirá fazer com que as regras sejam cumpridas, assim como a sua atuação que depende de estudo, de organização e de exemplos de atitudes e comportamentos. Então, não basta ao educador cobrar, é necessário do diálogo, da confiança, do respeito e da relação afetiva com o educando.

2.2.8 A indisciplina escolar e a interferência no ensino-aprendizagem

A indisciplina na escola tem se tornado uma das grandes preocupações nos dias contemporâneos, apesar de não ser algo recente, mas que tem se consolidado bastante nos dias contemporâneos.

A indisciplina se caracteriza muitas vezes pelo péssimo comportamento do aluno, pela falta de atenção, falta de respeito ao próximo em que tudo ele quer que seja feita suas vontades e, assim grita, bagunça, fala palavrões e, isso tem se transformado em um grande desafio tanto para a escola como para a família que é a base.

É necessário destacar que a indisciplina quando ocorrida nos primeiros anos escolares principalmente, na qual o aluno ainda está em fase de desenvolvimento, pode ser que a indisciplina seja ainda mais agravante.

Isso é dito por Garcia (2008, p. 371) “um aluno indisciplinado seria não somente aquele cujas ações rompem com as regras da escola, mas também aquele que não está desenvolvendo suas próprias possibilidades cognitivas, atitudinais e morais”, isso significa que além de ter a sua aprendizagem prejudicada também terá o seu desenvolvimento prejudicado.

Essas são algumas características da indisciplina escolar que acaba por atingir diretamente o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Isso se justifica porque o professor antes de chegar à sala de aula passa uma boa parte de seu tempo planejando suas aulas e pensando como vai falar e, desenvolver o seu plano. Porém ao chegar à sala de aula se depara às vezes com alguns poucos alunos indisciplinados que acabam por mudar toda a execução da aula.

É preciso destacar que o aluno indisciplinado nem sempre é consequência de uma família pobre ou desestruturada, ou seja, existem outros meios que podem ser a justificativa para isso.

Quanto aos comportamentos indisciplinados pode ser um problema de estudos nos cursos formativos de professores, pois “se o professor tem dificuldade em lidar com toda essa complexidade do ambiente escolar e com a diversidade, certamente, uma parcela da responsabilidade cabe aos cursos de formação de professores”. (OLIVEIRA, 2005, p. 6). Sendo assim, os professores devem ser preparados para saberem lidarem com a indisciplina, agindo com seu papel de transformador e mediador.

A indisciplina então é muito grave porque interfere o ensino-aprendizagem, mas diante de todos esses fatos mencionados, ela não é a única que interfere, existem outras causas e, é por isso, que deve ser debatido de forma coletiva, integrar família com escola para que isso seja um compromisso de todos.

A partir disso, diria que o professor não exerceria uma profissão, mas sim uma missão diante de tantos problemas enfrentados. Com tantas desvalorizações ao cargo de professor, ele é quem consegue fazer com que os alunos interajam com os alunos, firma atitudes, impõe regras e, assim por diante.

Então é necessário que haja sempre o diálogo, em especial do professor porque ele é o centro, mas não como antes em que só ele é que tinha saberes

e os alunos receptores. É o centro sim da liderança para mediar às aulas, as atitudes, as regras, enfim tudo que o aluno necessita pra ter uma boa aprendizagem.

É necessário que toda escola tenha as sua regras para que seja uma instituição pautada na organização e no ordenamento de atividades de modo produtivo, em que os alunos vão aprender de modo disciplinado.

São consequências podem-se dizer muito drásticas não só para o ensino do professor, não só para sua aprendizagem própria, mas de todos ali envolvidos nesse contexto escolar.

E, caso isso não seja revertido, a cada ano que se passa, o aluno vai tomando mais poder sobre as pessoas e, isso acaba por afetar definitivamente a sociedade como é comum vivenciarmos nos dias de hoje com consequências do tipo envolvimento com drogas, criminalidade, violência e, diversos outros tipos de problemas que acabam por afetar toda a sociedade.

Com isso, se percebe que tal problemática não é de fácil solução. São desafios constantes e preocupantes, é por isso que existe essa necessidade constante de união entre a família e a escola para que possam buscar por soluções que sejam capazes de melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem.

No capítulo a seguir serão discorridos os procedimentos metodológicos que foram necessários para atender aos objetivos propostos e, posteriormente fazendo a relação com os autores que trazem contribuições acerca da indisciplina escolar.

3. MARCO METODOLÓGICO

Ao longo do trabalho foram apresentadas diversas teorias acerca da temática indisciplina a ser desenvolvida, pois como foi visto inicialmente não se trata de um problema novo, mas carece de muita pesquisa e investigações porque as origens disciplinares pode ser de diferentes fatores.

Nesse aspecto, o encaminhamento deste estudo resultou da necessidade de compreender e iluminar ainda mais sobre o fenômeno da indisciplina, o qual tem se tornado um campo investigativo por muitos profissionais de diversas áreas.

Isso quer dizer que é um campo multidisciplinar em que envolve o campo da saúde, da economia, do jurídico, etc. Nesse aspecto, este capítulo será um recorte de campo em casos de indisciplina, e que assim será discorrido à concepção dos professores sobre tal questão.

3.1 Área de estudo

O presente capítulo segue com a finalidade de mostrar dados que foram coletados na pesquisa qualitativa realizada em uma escola pública da cidade de Guanambi-Bahia, no nível do ensino fundamental I.

Inicialmente, apresentam a caracterização dos participantes pesquisados e local de pesquisa. Em seguida, será feita a partir desses dados colhidos uma análise de dados com base nessas divisões estabelecidas.

Como já foi dito que se trata de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, cujos autores mencionam o seguinte:

É uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais, a partir dos dados qualitativos coletados por meio da aplicação de questionário, realização de entrevista semiestruturada, análises documentais, levando em consideração a natureza do problema e objetivos propostos (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 11).

Pretendo aqui neste estudo, apresentar discussões acerca da indisciplina na escola que nos trouxe o conhecimento de que isso não se constitui algo novo na contemporaneidade, mas é algo que está presente nos espaços escolares há muito tempo e, que necessita de investigação.

É por esse caminho que o direcionamento deste trabalho se encaminhou para uma pesquisa de campo, o qual viesse iluminar todas as questões duvidosas acerca da indisciplina, visto que envolve não só questões de cunho educativo, mas também outros campos como econômico, saúde, social, dentre outros envolvidos.

Nessa base compreensiva, foi feito um recorte de campo realizado com alguns professores, na busca por identificar e compreender tais objetivos propostos ao longo deste referido trabalho.

A construção inicial deste trabalho consistiu em um levantamento bibliográfico primeiramente através de buscas realizadas pela internet em artigos, livros e sites que dispusessem uma melhor contribuição para o estudo.

Para a realização desta pesquisa, optei por fazer uma investigação que trouxesse um recorte de campo sobre as concepções dos professores acerca dessa temática desenvolvida, sobretudo como eles agem e atuam frente a esses acontecimentos cotidianamente.

Segundo os teóricos Ludke e André (1986, p.112), baseados nos entendimentos de Bogdan e Biklen (1982), dizem que “a pesquisa qualitativa se caracteriza por dados descritivos, em que o pesquisador apresenta uma preocupação em ter que atender as suas expectativas com relação a sua pesquisa e objetivos pressupostos desde os estudos iniciais para escrita do trabalho”.

É justamente nesse momento de conseguir atentar as expectativas que o pesquisador precisa descrever tudo que ele precisa saber dos pesquisados, mas tudo baseado conforme as teorias estudadas.

Oliveira (1997, p. 117) salienta que esse tipo de pesquisa, a qual escolhi para a realização do trabalho, é muito utilizada por pesquisadores que buscam relacionar teoria com a prática real vivenciada nos cotidianos e, assim "procura abranger aspectos gerais e amplos de um contexto social" [...], propiciando “ao pesquisador a obtenção de uma melhor compreensão do comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno”.

Como procedimento de coleta de dados, foram utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas com dez professores de uma escola pública de Guanambi-Bahia, no nível do ensino fundamental I, conforme será detalhado na seção a seguir.

3.2 Objetos de estudo

Os sujeitos da pesquisa foram professores do Ensino Fundamental I de uma escola pública da cidade de Guanambi/BA. Como lócus deste estudo escolhi esta referida escola pública na cidade de Guanambi-Bahia, justamente por está relacionada à minha perspectiva de pesquisa que desde antes tenho observado um acentuado aumento de casos de indisciplina. E, o objetivo da pesquisa restringiu-se a escola pública em razão de possuir bem mais casos de indisciplina.

Essa Escola pública em que realizei a minha pesquisa, teve a sua origem em 1995 e, assim tendo como oferecimento também o ensino fundamental I.

É uma escola mantida pela Prefeitura Municipal de Guanambi e, é considerada uma escola de grande porte em que recebe um grande número de estudantes.

A maioria de seus alunos é advinda de famílias carentes com baixo poder aquisitivo, agricultores, empregados domésticos, etc., cuja maioria são beneficiada por programas governamentais.

Quanto a sua estrutura física é uma escola bastante divisória com diversas salas, sala de professores, biblioteca, banheiros, dentre outros. Além disso, conta com uma equipe de funcionários completa e que exercem suas funções de maneira competente.

Nesse aspecto, o questionário foi entregue a escola. Sendo um para cada professor de uma determinada sala no total foram entregues 10 questionários e, todos foram devolvidos e respondidos.

A aplicação do questionário proporcionou caracterizar o perfil do grupo participante da pesquisa mediante as questões referentes à formação acadêmica e atuação profissional; tempo de experiência como professor (a) dos anos iniciais do ensino fundamental;

Por meio dos dados obtidos utilizarei nomes fictícios para os participantes da pesquisa, para que a sua identidade seja preservada. Assim, escolhi os seguintes nomes para as professoras sendo Professores 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, e 10. Por questão de sigilo dos nomes dos professores, justifica-se então a utilização desses números. Assim os dados coletados por meio da

participação desses professores, versaram em obtenção das contingências em que a indisciplina ocorre.

3.3 Métodos

A definição investigativa metodológica sempre é uma tarefa difícil de realizar diante de um projeto de pesquisa que ainda será iniciado. Neste trabalho então fiquei com várias dúvidas acerca da escolha de qual método utilizar para organizar todos os procedimentos e análises dos resultados a que queria chegar. Com a perspectiva de que a metodologia é considerada o órgão principal, ela visa apontar o que será aplicado durante o trabalho de coleta de dados.

Então a escolha por uma metodologia de cunho qualitativo se deu por várias respostas que obtive antes como saber qual era o meu objetivo central a ser desenvolvido, que tipo de abordagem seria realizado, qual o cenário que seria utilizado, quem seriam os sujeitos a serem investigados, quais seriam os instrumentos de coleta de dados e, com isso uma infinidade de passo a passo que deveria ser passado.

Mas antes de tudo isso, foi necessário fazer um estudo bibliográfico exaustivo sobre a temática desenvolvida. Assim sendo, tive total liberdade de escolha para qual tipo de metodologia que fosse utilizada na presente dissertação, baseando-se nos aspectos da coerência, da criatividade e da originalidade.

3.4 Problema e estatística

Considerando que a análise estatística é uma forma profissional de se tomar como auxílio em qualquer etapa do trabalho, desde o seu início de investigação teórica até a parte de análise de dados.

Então ao longo do trabalho foram utilizados gráficos, tabelas, os quais pudessem descrever de forma sucinta o que estava sendo discutido em todo o trabalho.

Nesse aspecto, então foi utilizado à análise descritiva em várias partes do trabalho, já que todos esses aspectos são essenciais para que assim possa ser feita a interpretação dos dados.

3.5 Procedimentos Metodológicos

Na perspectiva de se realizar o objetivo pressuposto, foi necessário que se utilizasse esta metodologia qualitativa para que pudesse reunir todas as informações necessárias sobre a temática a ser desenvolvida, através da procura de materiais com boas referências, como também de fazer parte de tudo isso, uma análise crítica sobre tudo que foi encontrado e colocado em discussão.

Essa metodologia qualitativa proporcionou tudo o que havia de necessário a ser colocado no estudo, ou seja, proporcionaram que fossem colocados números, intenções, percepções sobre o assunto.

Foi um passo muito importante porque se deu o processo de interligação entre os sujeitos pesquisados sobre o que eles vivenciam no seu dia a dia com o aporte teórico dos livros.

Foi uma metodologia aproximativa entre o levantamento bibliográfico, a pesquisa de campo e as observações feitas ao longo desse processo que deram discernimento sobre os aspectos indisciplinados, em que foi tomada como algo de referência para analisar a teoria dos autores com a teoria dada pelos professores em si durante a pesquisa.

Trata-se de um estudo em que foi desenvolvido o contexto da indisciplina na tentativa de verificar ou encontrar a respeito do referido princípio, sendo que esta temática é alvo de discussões já há muito tempo.

Então foi possível compreender os fatores que auxiliaram e até mesmo viabiliza a indisciplina. Pois existem alguns professores que colocam a culpa na família, ou é a família que põe a culpa no professor de seu filho e, ou na própria sociedade e, isso deve ser realmente alvo de discussão já que é um problema que existe há muito tempo e que persiste até nos dias atuais.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesse momento, será feito um levantamento reflexivo acerca da geração e análise dos dados obtidos durante a pesquisa no município de Guanambi-Ba. Foi necessário separá-los em categorias, e para maior credibilidade dos resultados, foram feitas referências a alguns teóricos, cujas discussões corroboram com a análise dessa pesquisa. Além disso, foram apresentadas algumas falas dos sujeitos pesquisados para ratificar os dados obtidos.

Ao longo da pesquisa, os dados que foram coletados consistiram em obter várias contingências sobre a indisciplina na escola. Ao fazer a leitura geral dos questionários foi possível perceber que a temática gera muitas expectativas aos professores.

As respostas de todos eles nos leva a compreendermos que se trata também de um desabafo que por muitas vezes encontra-se marcado por dificuldades, lamentos.

4.1 Discussão de dados: o que dizem os professores sobre a indisciplina na escola e em sala de aula

A primeira pergunta contida no questionário: *O que dizem os professores sobre o significado da indisciplina?* Tendo como respostas seguintes mostram suas concepções acerca do que entendem:

Professor 1: “Comportamento e atitudes do aluno que prejudica ele e os outros durante a aula”.

Professor 2: “Indisciplina é a negação da disciplina, a falta de limites, de regras, negação das normas, mau comportamento que compromete as vivências sociais”.

Professor 3: “Falta de limites dos alunos, bagunça, tumultos, mau comportamentos, desinteresse e desrespeito”.

Professor 4: “Falta de respeito às regras, que não tem um bom comportamento”.

Professor 5: “É quando o aluno não cumpre suas obrigações escolares, mau comportamento, falta de respeito com colegas e professores”.

Professor 6: “Falta de respeito às regras da escola, mau comportamento que compromete a convivência em sala de aula”.

Professor 7: “São comportamentos abusivos e intensos que acabam dificultando o ensino, aprendizagem e frustrando todos envolvidos nesse processo”.

Professor 8: “Indisciplina é quando o aluno procura de toda maneira atrapalhar o trabalho interferindo na aprendizagem deles e dos demais”.

Professor 9: “Falta de disciplina, desobediência, insubordinação, rebeldia”.

Professor 10: “Falta de interesse do aluno”.

Parrat-Dayan (2008, p. 8) complementa a seguir essas compreensões de que é complicado imaginar uma escola sem disciplina, sem regras e/ou normas. E diz o seguinte:

A disciplina consiste num dispositivo e num conjunto de regras de condutas destinadas a garantir diferentes atividades num lugar de ensino; A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências (PARRAT-DAYAN, 2008, p.8).

Então o aluno disciplinado ao contrário do indisciplinado, obedece cegamente às regras escolares, como também se comporta plenamente, de forma consciente de forma que construa uma vivência social sem frustrações.

Sobre essas primeiras conceituações acerca da indisciplina, os professores conceituaram através das próprias vivências, ao invés de pesquisar conceitos já prontos e, isso foi bem importante pra pesquisa porque já é uma relação com a prática diária.

Nesse aspecto, o conceito de disciplina encontra-se relacionado com as regras e obediências; e indisciplina é o contrário é a desobediência a essas regras.

Vasconcellos (2004) salienta que:

O conceito de disciplina, ainda muito presente no cotidiano escolar, está associado à adequação do comportamento do aluno e àquilo que o professor deseja. É frequente o desejo do professor que o aluno fique quieto, ouça as explicações que tem para dar, faça adequadamente os exercícios e, pronto. Logo, um conceito de disciplina associado à obediência e à alienação. Esse conceito de

disciplina não busca a interação, o encontro, a comunicação, mas o isolamento, o fechamento, a obediência, a passividade (VASCONCELOS, 2004, p. 47).

Seguindo a pesquisa, a segunda questão, teve como objetivo conhecer se a indisciplina escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem do aluno e, assim, todos os professores participantes disseram em suas respostas que afetam sim diretamente.

A partir dessa confirmação de que a indisciplina interfere na aprendizagem e no ensino, fica claro, que o ambiente escolar é um espaço de aprendizagem em que o aluno desenvolve as suas várias habilidades e, por conseguinte, consegue desenvolver os saberes que foram adquiridos durante as aulas e, assim poder usar essas aprendizagens socialmente no mundo em que vive. E, para isso acontecer, é necessário que o aluno tenha compromisso, domine, e aplique durante toda a sua vida de forma humana e disciplinada.

É possível que a causa desse processo indisciplinado seja também originado em razão do aluno não saber os motivos pelos quais ele precisa está na escola, é o que afirma o autor Eccheli (2008):

É provável que a indisciplina observada nas escolas esteja diretamente relacionada à falta de motivação dos alunos diante do fato de se verem obrigados a estar numa sala de aula sem entender o porquê e para quê daquilo, considerando os conteúdos inúteis ou, mesmo que sejam úteis, não compreendendo bem para que sirvam (ECCHELI, 2008, p. 210).

Tomando por base esse entendimento, os professores então responderam na terceira questão em sua grande maioria que a indisciplina interfere na vida escolar do aluno, enquanto que houve dois professores que disseram que não interfere e, isso vai da concepção e compreensão de cada um deles naquele momento.

A quarta questão foi conhecer quais as estratégias que são utilizadas para a aprendizagem dos alunos em turma com alunos disciplinares e, as respostas foram as seguintes:

Professor 1: 'Conversa com pais, diretores, o que acaba não resolvendo e prejudicando a saúde do professor'.

Professor 2: 'Eu costumava dialogar com os pais, pois acredito que a negação a disciplina não comece exatamente em contato com a escola. Penso que criança desgarrada na família também será na escola'.

Professor 3: 'Estabelecer regras e dialogar sempre, manter o equilíbrio e a calma, sabendo lidar com cada situação'.

Professor 4: 'Muita conversa com os alunos, mas mesmo assim é preciso ter jogo de cintura para manter a ordem'.

Professor 5: ' Conversando com os pais e responsáveis, tentar colocar limites e regras'.

Professor 6: 'É essencial tornar as aulas mais dinâmicas e práticas, aliando o conteúdo das disciplinas a 'vida real'.

Professor 7: 'Uma boa conversa sincera num clima amigável onde são construídos alguns combinados, deixando claro que há hora para tudo'.

Professor 8: 'Conversar com eles e com os pais, professores, psicólogos e, todos os envolvidos no ensino e aprendizagem'.

Professor 9: 'A família pode ser uma grande aliada no processo de melhorar o desempenho dos alunos, já que exercem um papel muito relevante na sua formação'.

Professor 10: 'Conversa informal com os alunos e pais buscando a parceria dos mesmos. Proporcionar aulas mais dinâmicas que envolvam os alunos'.

É importante trazer para essas discussões, a citação de Antunes (2009) citado por Rodrigues et. al. (2012) que aponta:

Para que o educador possa conduzir a disciplina em sala de aula, Antunes (2009), do mesmo modo, propõe uma reflexão sobre habilidades intra e interpessoais que o professor deve exercitar para que este se aproprie da técnica de gerenciamento da indisciplina em nossos dias: aceitar com bom humor as diferenças entre as pessoas; saber distinguir o essencial do supérfluo; saber ouvir antes de julgar o aluno; ter habilidade de se colocar no lugar do outro; admitir quando estiver errado; perceber que quando os alunos são chamados para tratar sobre o comportamento indisciplinado, geralmente respondem com irritação e insegurança; compreender que nem todos precisam corroborar com a ideia do educador; reavaliar os casos de indisciplina e aplicar medida disciplinar com seriedade, rapidez e justiça (ANTUNES, 2009, Apud Rodrigues et. al. 2012. p.3).

Nessa perspectiva, pode destacar que existem inúmeras estratégias, a qual o professor pode saber quais as melhores possíveis a partir das especificidades de seus alunos.

A educação é muito mais que transmitir conhecimentos, é fazer com que o aluno construa a sua própria aprendizagem e, para isso precisa ter a convicção do que ele precisa realmente se está em uma escola como disciplinado ou se é continuar indisciplinado.

Na questão cinco visava saber como que o trabalho pedagógico pode contribuir no enfrentamento da indisciplina e, assim seguem os relatos:

Professor 1: 'Onde há uma equipe pronta para atuar?'

Professor 2: 'Diagnosticar cada caso, alinhar a educação escolar no que diz sobre as normas com a educação doméstica, buscar ajuda de outros colaboradores a fim de resolver'.

Professor 3: 'Sim. O professor busca projetos onde trabalha a indisciplina e muda a metodologia do trabalho'.

Professor 4: 'A escola é um espaço apropriado para que os estudantes adquiram condições e capacidades para formação de atitudes e valores'.

Professor 5: 'Estimulando a respeitar as regras da escola, estimular um espírito de cooperação, para que ele se sinta útil na escola'.

Professor 6: 'O trabalho por meio de dinâmicas e leituras de textos e histórias sobre a temática em estudo'.

Professor 7: 'Tentando envolver os sujeitos indisciplinados, dando-lhes responsabilidades para sentir compromissados no processo com o intuito de levantar a autoestima'.

Professor 8: 'Sim a partir do momento em que o aluno consegue superar a baixa autoestima, consegue diminuir a indisciplina'.

Professor 9: 'Podem encaminhar essas crianças com dificuldades a especialistas para ajudar as crianças a superarem os mesmos'.

Professor 10: 'O professor pode tentar através de conversas informais com pais e direção e alunos e promover aulas mais motivadoras com o intuito de prender a atenção dos alunos'.

Nesta perspectiva, a postura do professor deve ser de acordo com a realidade dos alunos e, se de seus comportamentos, sempre valorizando e

respeitando cada um deles. Além disso, o professor também precisa analisar as suas próprias atitudes. Corroborando os autores abaixo diz:

[...] é preciso chamar a atenção, mas sempre com respeito e mostrando que o grupo é que está sendo prejudicado, e não apenas você, pessoalmente. Tratar o estudante dessa forma faz com que ele também perceba como agir em momentos de conflito (MOÇO; GURGEL, 2009, p. 36).

Então o professor tem que pensar nessas várias possibilidades em pensar como intervir no enfrentamento da indisciplina escolar e, também ir sempre à busca de novas iniciativas que perceber que podem melhorar a situação.

Na sexta pergunta diz que com a participação de pais e professores contribuem no enfrentamento da indisciplina de forma? Professor 1 E 7 disseram: 'razoável', Professor 2, 3, 4, 5, 6,9 e 10: 'boa', Professor 8: 'Excelente'.

Então, como foi destacado anteriormente, o professor é a figura principal que é capaz de mudar essa situação ou pelo menos melhorar. Porque ele conhece o aluno mais que outro profissional que não está ali diariamente em convivência.

E, para isso, a sétima questão foi lidar com o sucesso pode ser simples e gostoso. Resultados 'ruins' merecem atenção mais delicada, neste intuito com você trabalha a questão 'indisciplinar com seus alunos?'

Professor 1: 'A gente sempre tenta através de jogos e brincadeiras com regras, mas não vejo grandes mudanças, muito difícil'.

Professor 2: 'Não respondeu'.

Professor 3: 'Sim'.

Professor 4: 'Através do dialogo'.

Professor 5: 'Procuro conhecer mais meu aluno, saber da sua realidade fora da escola, tentar entender as causas desse mal comportamento para ajudá-lo'.

Professor 6: 'Estabelecer regras desde o primeiro dia de aula, conversar com o aluno individualmente'.

Professor 7: 'Eu procuro ser bem sincera com eles, apontando minhas dificuldades para lidar com a situação e tentando criar vínculos com o intuito de

que os mesmos se sintam compromissados a promover um clima de tranquilidade facilitando a nossa rotina escolar’.

Professor 8: ‘Através do dialogo’.

Professor 9: ‘Estudar estratégias e maneiras de identificar e criar plano de ação’.

Professor 10: ‘Acredito que os pais são os maiores responsáveis pela indisciplina de seus filhos. A escola é a continuação da educação do lar e responsável pela escolaridade, conhecimento formal’.

Pode-se dizer então o seguinte:

A escola é uma instituição onde não cabe a dominação, porque ela impede e se opõe ao cumprimento de sua formação humana, de construção do sujeito. Portanto, o compartilhamento, a intersubjetividade, a corresponsabilidade constitui aspectos inalienáveis da administração da educação (WITTMANN, 2004, p.17).

Então, as ações escolares devem ser debatidas, novas práticas de ensino devem ser incrementadas com o objetivo de melhorar o caso. E, esse debate deve envolver todos os profissionais da escola para chegarem a um consenso de como pode ser enfrentado o problema.

Na oitava questão as dificuldades que você encontra para realizar o ensino diante a uma turma indisciplinar se encaixa na questão? Professor 1, 3, 4, 7, 8, 10: ‘Social’, Professor 2, 6 não responderam, Professor 5, 9 responderam emocional e psicológica.

Assim compreende que muitos professores dizem que o problema da indisciplina escolar é algo que vem da sociedade, por exemplo, ou seja, de fora para dentro dos espaços escolares. Já outros acham que pode ser psicológico e, assim deve procurar um profissional especialista para estudar o caso.

Na nona questão qual a concepção do termo indisciplina está previsto no PPP de sua escola?

Professor 1 ‘Não respondeu’, Professor 2 ‘Não trabalhamos muito com a questão da indisciplina em nossa escola, pelo fato de ser uma escola que recebe crianças em sua maioria e essa questão não é reprimida e redirecionada dando lugar ao pensamento’. Professor 2, 3, 4, 5, 6, 9,10 não responderam e Professor 7 ‘Neste ano não temos indisciplina em nossa escola,

pois ocorre fatos normais que podem ser controlados através de conversas'. Professor 8 'Observação. Não existe esse termo previsto no PPP da escola'.

Observa-se que cada turma tem as suas especificidades, a indisciplina não ocorre em toda sala de aula, isso foi dito por alguns deles em suas respostas. Já outros dizem que a escola não debate enquanto que isso é algo bem importante de se debater.

Na décima questão tratava-se de saber se o professor participa de programa de Formação Continuada que discutem essa temática e, o professor 1 disse que fica a desejar, quem sempre lida é o professor e morrendo aos poucos. Professor 2, 3, 4, 5, 6, 7,8, 9 10 disse que não recebe nenhuma formação.

Na décima primeira questão era saber se há alguma orientação pedagógica para resolver os casos de indisciplina e, o professor 1 disse que 'Queria tanto receber', professor 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 disse 'Não'.

Ao final das questões fica claro que a escola em partes não se atenta muito aos problemas, ou seja, deveriam levar mais a sério já que é algo bastante presente. A formação é algo relevante porque prepara o professor e, que muitas vezes não sabe agir devido à falta de preparação.

Ao final da realização dessa pesquisa e a partir de sua análise, percebe-se que a indisciplina escolar é algo bastante presente no cotidiano escolar e, isso como foi relatado por muitos deles afeta bastante o processo de aprendizagem tanto dos alunos como a prática do professor em sala de aula.

Todas as respostas mostraram que o tema do estudo é realmente bem desafiador, complexo no que se refere aos professores que não recebem nenhum tipo de formação para seu enfrentamento e, assim trabalha em um ambiente bem problemático.

Com os estudos teóricos e a realização da pesquisa foi possível aproximar o que antes entendia apenas teoricamente e, visto como isso é na realidade através de alguns fatos esclarecidos.

Esses profissionais da educação pesquisados assim como os demais outros são importantes para o enfrentamento da indisciplina escolar, talvez seja os mais responsáveis em razão de estarem ali convivendo todos os dias com os seus alunos.

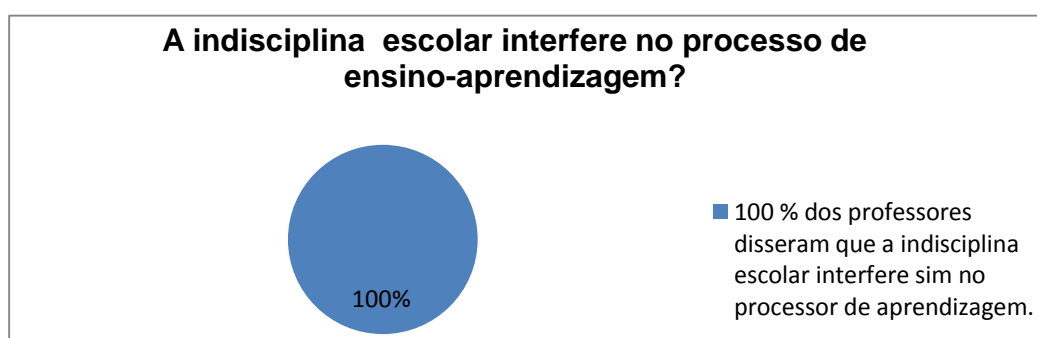
Mas para isso, o professor tem que compreender o seu papel e sua prática de ontem e, de hoje, para assim pensar uma nova prática de amanhã que venha a estabelecer mudanças significativas. Pois a indisciplina escolar é algo bem antigo e que perpetua fortemente nos dias atuais também e, é por esse motivo que deve ser prevenido e combatido.

4.2 Como os professores enfrentam a indisciplina em sala de aula

A pesquisa intitulada como: “A indisciplina na escola: um obstáculo no ensino-aprendizagem” buscou compreender, sob a ótica de 10 professores em que visou compreender como a indisciplina escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e a importância do trabalho de parceria entre pais, alunos e professores.

Tendo em vista que a indisciplina escolar é um dos problemas educacionais, o qual tem gerado inúmeras polêmicas sobre as suas causas e, pode-se dizer que é algo muito difícil a ser enfrentado e solucionado, sendo assim necessita da união entre família e escola.

Gráfico 01: Indisciplina escolar



Fonte: Dados obtidos pela pesquisadora, 2018.

Este gráfico mostra que os professores em sua totalidade responderam em seus questionários que a indisciplina afeta diretamente e é responsável por afetar o processo de ensino-aprendizagem.

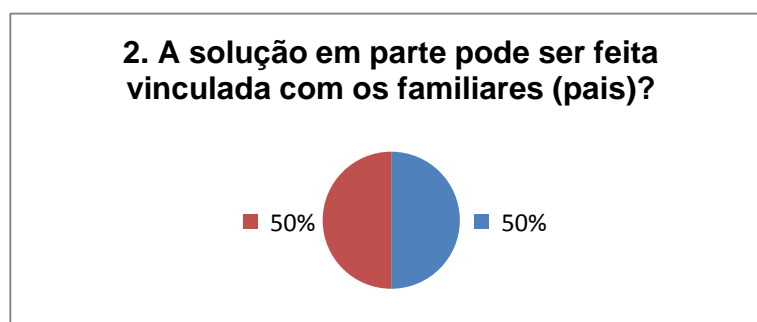
Nesse aspecto:

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará que se nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo (OLIVEIRA, 2005, p.21).

Nessa perspectiva, a indisciplina causa inúmeros problemas no ensino-aprendizagem. Às vezes a sala de aula pode ter presente ali dois, três alunos indisciplinados, mas que no final, afetará toda a classe. Isso porque prejudica a atenção dos outros demais colegas.

Isso quer dizer que chama muito a atenção e dificulta a aprendizagem não só dele próprio 'o indisciplinado' como também de seus demais colegas. Sua falta de limites e regras acaba por prejudicar os professores a ministrarem o seu plano de aula, a atenção de todos os alunos fica comprometida e, assim todos ficam realmente afetados.

Gráfico 02: Indisciplina vinculada a família



Fonte: Dados obtidos pela pesquisadora, 2018.

Este gráfico 2 mostra que metade dos professores entrevistados disse em suas respostas que a solução em parte pode ser feita vinculada com os familiares (pais) e, a outra parte afirma que tem que dialogar com os alunos.

Na atualidade, a família assim como no passado tem o papel de exercer as suas funções que são delas e, não da escola, como muitos pais sobrecarregam a escola. Assim:

A tarefa de educar não é de responsabilidade da escola, é tarefa da família, que ao educador cabe repassar seus conhecimentos acumulados, ele ainda aponta que a solução pode estar na forma da relação entre professor e aluno, ou seja, a forma que suas relações e

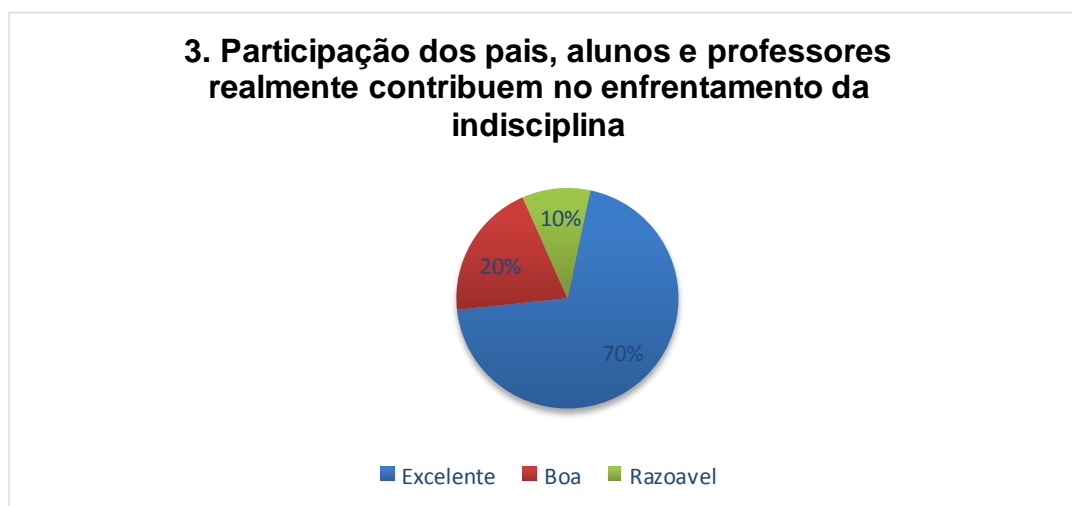
vínculos se estabelecem aponta também que a solução pode estar no desenvolvimento do resgate da moralidade discente através da relação com o conhecimento e que esse conhecimento deve ser construído socialmente, sem rigidez ou autoridade (AQUINO, 1996, p. 98).

Nessa perspectiva é importante que a família desempenhe o seu papel de educar, enquanto que a escola faz o seu papel de ensinar, então nem tudo é responsabilidade da escola. Sendo assim para Silva (2009):

(...) O problema de indisciplina pode ser provocado por problemas psicológicos ou familiares, ou da construção escolar, ou das circunstâncias sócio – históricas, ou então, que a indisciplina é causada pelo professor, pela sua responsabilidade, pelo seu método pedagógico (SILVA, 2009, P. 2).

Em consonância acima citado, boa parte dos professores disseram que tem origens familiares, não que se restrinja somente a essa causa, porque existem outros motivos que geram a indisciplina. O gráfico 3 apresenta a participação dos pais, alunos e professores que realmente contribuem no enfrentamento da indisciplina.

Gráfico 03: Família na escola



Fonte: Dados obtidos pela pesquisadora, 2018.

Este gráfico 3 nos mostra que a participação da família na escola é peça chave para a educação de seus filhos, essa parceria é muito importante de desenvolver o

seu papel enquanto pai e mãe junto com os professores na busca pelo mesmo objetivo que é a aprendizagem do aluno.

Essa união entre escola e família, Filho (2009) salienta o seguinte:

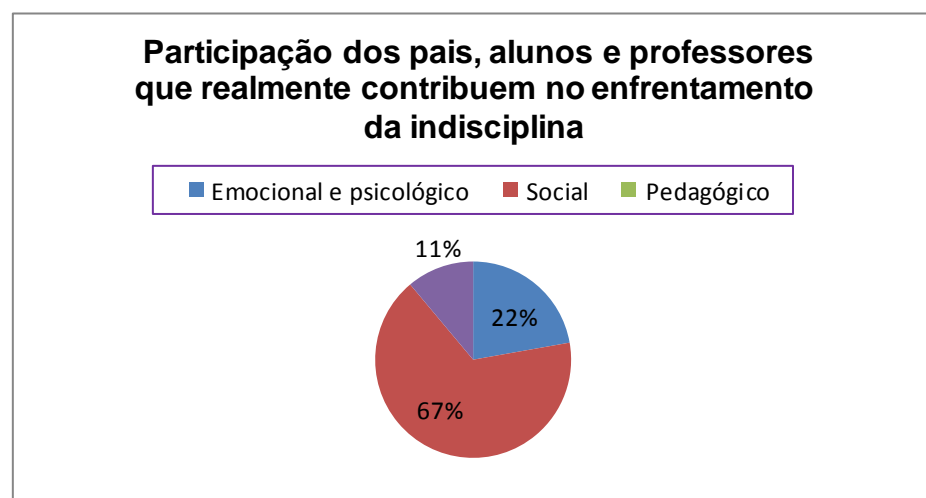
Precisamos deixar de ensinar “o que pensar” para começar a ensinar “como pensar” – como trabalhar em equipe. O que não faltam são ideias criativas e inovadoras para uma reforma escolar. Devemos escolher os programas que funcionam; devemos implementar as estratégias que já provaram sua eficácia (FILHO, 2009, p.274).

Então deve haver essa participação de pais/família na escola para a solução de muitos dos problemas. Tem que da oportunidade deles se expressarem também para auxiliar os professores na construção de estratégias. Como diz Vasconcellos (1956):

O professor que realmente é um bom professor tem de trabalhar com a realidade que tem em sala de aula, não adiante se lamentar, jogando a culpa aqui acolá. São estes os alunos que tem e com eles que tem que trabalhar; é esta a escola; é este o País (VASCONCELOS, 1956, s/p).

Então isso realmente se constitui em um grande desafio para a escola, já que cada qual deve assumir as suas responsabilidades, não jogando culpa em ninguém. As dificuldades que você encontra para realizar o ensino diante de uma turma indisciplinar se encaixa na questão:

Gráfico 04: Contribuição família para enfrentamento da indisciplina



Fonte: Dados obtidos pela pesquisadora, 2018.

A participação da família na escola realmente é um enfrentamento as questões indisciplinadas já que a maioria dos casos seja advinda de algum problema psicológico e, a criança desde pequena deve conhecer já as regras mesmo antes de chegar a sua idade escolar, para quando for já ter essa base.

De acordo Giancaterino (2007) assinala que:

(...) A indisciplina na sociedade conduz na maioria das vezes essa delinquência e, mais tarde, ao crime. Uma criança ou um adolescente que desconhece normas de uma vida regular tem tendências de tornar-se um jovem problemático. Muitos deles começam já na adolescência, uma vida desregrada, partem para o crime e é problema para a família e para a própria sociedade (GIANCATERINO, 2007, p.97).

Este gráfico nos possibilita a entender que tanto os familiares como os professores e, os próprios alunos carregam em si essa responsabilidade de enfrentamento indisciplinar.

Mesmo que seja qual for a sua origem pedagógica, social, psicológica, etc, tudo pode ser gerado conseqüentemente em desfavor de toda a sociedade e, ao próprio indisciplinado.

Gráfico 05: Programas sociais e formação continuada



Fonte: Dados obtidos pela pesquisadora, 2018.

O gráfico acima nos mostra que mesmo que a indisciplina escolar seja um problema tão frequente no dia a dia escolar, é preciso que encontrem

professores preparados a saber como agir nos casos e, como mostrado na pesquisa do gráfico, os professores quase em sua totalidade não recebem a formação necessária para intervenção.

Assim sendo, permanecem os conflitos, a intensa luta de querer solucionar tais problemas, como diz o autor a seguir:

Os conflitos e lutas pelo poder, os meios de resistência, as alianças, os valores, as normas, os modelos de aprendizagem, as atitudes do professor, as relações entre as pessoas, a participação dos pais e dos alunos e o modo como esses atores escolares se comunicam são aspectos que vão influenciar, com vigor, o tipo de PPP que será elaborado e os rumos que seguirá no processo de sua implementação (AZEVEDO s/d).

Isso quer dizer que todos os envolvidos tanto na parte externa como interna da escola devem conhecer o PPP de sua escola, as autoridades também precisam conhecer inclusive o que se passa dentro de cada espaço, as secretarias de educação e demais responsáveis precisam propor meios que promovam a formação continuada desses professores para o enfrentamento dos desafios.

Como mostrado na figura acima, a maioria dos professores pesquisados disseram que não recebem nenhum tipo de orientação. Com isso, percebemos que a orientação pedagógica é muito importante porque abre novas possibilidades para que os professores compreendam a indisciplina escolar. E, para a totalidade de professores pesquisados, isso não é comum nas suas formações, o que deveria ser por proporcionar reflexões coletivas.

CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento da pesquisa constatamos que a indisciplina é algo ligado à falta de respeito, de cooperação, de convívio social. Mas antes de tudo isso, é necessário compreender também que o público de alunos hoje na escola é caracterizado pela imperatividade.

Isso porque os alunos tem acesso a várias formas de comunicação e, com isso, gera a dificuldade em muitas das vezes de ter o foco, claro que existem inúmeras outras razões para a indisciplina escolar.

A indisciplina se torna evidenciada na relação também do aluno com o seu colega de sala, pois o desrespeito também é responsável pela sua originalidade.

Claro que durante a fala de alguns professores citada logo acima mostraram que os pais muitas das vezes encontram-se desagarrados de seus filhos, não impondo limites e princípios básicos como saber respeitar o próximo seja quem for saber ouvir e saber falar tudo no seu tempo, etc.

Outros comentários ditos pelos professores também se firma no aspecto de que a solução está na família de cumprir com o seu papel, de impor limites aos seus filhos, pois o costume vem de casa e procede na escola.

Ficou claro que a família tem papel fundamental na formação de seus filhos, para que este se torne bem comportando e um cidadão civilizado. Já que a indisciplina como foi discutido em todo trabalho causa diversos danos que não só atinge a ele como aluno, como também os professores, os 88 seus demais colegas e, principalmente a sua aprendizagem que fica totalmente comprometida a se desenvolver.

Em uma sala não disciplinada, o professor sofre inúmeras dificuldades em passar o conteúdo, não conseguindo fazer então um bom trabalho e, nem tampouco os outros demais alunos interessados conseguem se concentrar nos estudos.

Quanto ao enfrentamento da indisciplina em seu contexto geral, nunca que a escola pode ser vista como a única e responsável por esse enfrentamento. É a família que deve estabelecer as primeiras regras, os valores e, os limites. É ela que limita os seus filhos, são uma referência autoritária de forma equilibrada e contributiva.

A escola em seguida deve amenizar a indisciplina de forma que construa um Projeto Político Pedagógico que orienta que supervisa todos os professores e família.

Faz se necessário que medidas válidas sejam tomadas a fim de combater com a indisciplina escolar em todas as escolas nacionais. Para isso, exige de professores e uma equipe gestora preparada, uma família ativa na escola e, alunos decididos a mudar. Família-escola-aluno se constitui parceiros que necessitam de crescimento no seu intelecto e social.

Os resultados do estudo então mostraram também que a indisciplina na escola, além de tudo isso ressaltado, se faz presente na maioria da escola. Como dito, atinge alunos indisciplinados e, também os disciplinados que tem sua saúde física e mental afetados.

A pesquisa também mostrou claramente que as dificuldades podem ser enfrentadas quando todos se unem em razão de atingirem o mesmo objetivo que é disciplinar os alunos.

Vimos que a família e a escola são extremamente parceiras umas das outras, um exemplo se superação e prevenção de tais problemas, um não pode carregar a responsabilidade do outro, tem que ser compartilhada.

É preciso então que os alunos tenham referência para que não venham futuramente a se tornarem indisciplinadas. Então a escola como um todo e a família devem se munir de práticas que venham a prevenir a indisciplina.

A pesquisa qualitativa então proporcionou um estudo comparado ao fenômeno e, as teorias já estudadas, oriundas tanto externamente como internamente na escola. E, tudo isso é algo que precisa de transformações, inovações metodológicas, enfim o fortalecimento do papel da família para com essas responsabilidades.

RECOMENDAÇÕES

Considera-se que a leitura e a escrita são procedimentos em que a criança vai se integrar a escola, aos seus professores, família e sociedade. Para isso, a compreensão de como se dá esses dois processos é importante para que a criança passe a viver sua vida socialmente.

É a partir disso que a criança cria significado em sua vida para com a sociedade. Nesse aspecto, torna-se importante que o professor coloque em prática todas as suas habilidades e competências para que o seu aluno possa aprender plenamente.

Por outro lado, há inúmeros fatores existentes que acabam por tornar esse processo de aprendizagem da leitura e escrita, algo complicado. Entre eles, a indisciplina que tem acarretado vários desafios, inclusive para os professores que não conseguem executar as suas aulas da forma como foi planejado, em sua maior parte.

O aluno indisciplinado é caracterizado como aquele que provoca brigas, pratica atos obscenos, não respeita os seus colegas e o seu professor, gritos, etc,. Essas representações indisciplinadas mostram o quanto à indisciplina atinge negativamente o processo de ensino e aprendizagem.

Assim sendo, a indisciplina escolar se tornou um dos desafios pedagógicos mais preocupantes na contemporaneidade porque além de atingir a própria criança indisciplinada, também atinge a criança disciplina, pois ela não vai conseguir aprender se vários acontecimentos tiram a sua atenção de fato.

Todo professor e, a escola em geral deve encontrar meios para lidar com essa problemática que afeta diretamente o processo de aprendizagem no âmbito escolar. No tocante a aprendizagem dos alunos, fica claro, a necessidade de compreender os fatores que impactam negativamente. Assim exige-se que toda a equipe busque conhecimentos acerca de compreender tais perspectivas, para que assim possa minimizar os efeitos da indisciplina escolar.

Por fim, a leitura deste trabalho e, os estudos acerca da indisciplina escolar são fundamentais para que todos os professores e, instituições escolares procurem fazer continuamente, já que é algo de muitos tempos, mas que ainda é impactante nos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Vozes, 2003.

AQUINO, Julio Groppa. Da (contra) normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 143, p.456-484, maio/ago. 2011.

AQUINO, Júlio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3ª Edição, São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Júlio. (Org)- **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2. ed; São Paulo: Summus, 1999.

ARAÚJO, Ulisses F. **O ambiente escolar cooperativo e a construção do juízo moral infantil**: sete anos de estudo longitudinal. Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n. 2, p.1-12, fev. 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf>. Acesso em: 08 de fev. 2019.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Lei nº 9.394/96.

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, professores fascinantes**. 9. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

D'ANTOLA, Arlette (org.). **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. São Paulo: Papirus, 1993.

DURKHEIM, Émile **Educação Moral**. Tradução de Raquel Weiss – Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

ECCHELI, S. D; **A motivação como prevenção da indisciplina**. Educar, Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008. Editora UFPR Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a14>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. 7. Ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FILHO, Luiz Frazão. **Estratégias para auxiliar o problema de evasão escolar**. Rio de Janeiro: Dunya E, 2002.

FRANCO, C. (org). **Avaliação, Ciclos e Promoção na Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23 ed. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 7 ed. Paz e Terra: São Paulo, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26 ed. Paz e Terra: São Paulo: 2002 apud BITTAR, Eduardo C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*. São Paulo: Manole, 2004.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola**: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Curitiba: Iparde. 1999.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na escola**: questões sobre mudança de paradigma. *Contrapontos*, itajaí, n. 3, v. 8, p. 367-380, set/dez 2008.

GARCIA, S. **Família e escola**: a participação dos pais na educação dos filhos. 2007. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Agudos (FAAG). Agudos-SP, 2007. 45f. Disponível em: <<http://www.faag.com.br/faculdade/biblioteca/Garcia.pdf>>. Acesso em: 10/05/2017.

GIANCATERINO, Roberto. **Escola, professor, aluno**: Os participantes do processo educacional. São Paulo: Madros, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GHON, M. da G. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. São Paulo, Cortez, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, S. de S.; AOYAMA, A. L. F. *Escola e família*: uma proposta de trabalho integrada. *Caderno de apoio pedagógico*. Londrina, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/577-2.pdf>>. Acesso em: 30/05/2017.

MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica. D.E.L.T.A. São Paulo, vol. 21: Especial, p. 1-9, 2005.

OLIVEIRA ALMEIDA, F. O. de; ALMEIDA, I. M. O. de; SANTOS, R. A. **Interação escola-família: a grande parceria rumo à educação.** 2008. Disponível em: <http://artigocientifico.tebas.kinghost.net/uploads/artc_1306337605_15.pdf>. Acesso em: 21/04/17.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: determinações, consequências e ações.** Brasília: liber livro, 2005.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira, 1997.

OSORIO, Luiz Carlos. **Família Hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAROLIN, Isabel. **Professores Formadores: A relação entre a Família, a Escola e a Aprendizagem.** 2ª ed. São José dos Campos, SP. Pulso Editorial, 2010.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2009.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. Trad. Sílvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2008.

PIAGET, J. **A psicologia da criança.** São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2001.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1981.

PORTES, É. A. **O trabalho escolar das famílias populares.** In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares.* 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva.** *Paidéia*, 15 (31), p. 239-247, 2005.

REGO, Teresa C. R. A. Indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.); **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

RESENDE, T. de F. **Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa.** 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/14.pdf>>. Acesso em: 01/01/2019.

RIBEIRO, M. A. de P. **Como estudar e aprender**: guia para pais, educadores e estudantes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RODRIGUES I. A. A. et al. **O papel do professor na gestão da indisciplina em sala de aula no universo da adolescência**. VII CONNEPI - Congresso-Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação Palmas - Tocantins: 2012. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SILVA, D. K.; LOPES, M. I. **A indisciplina**: um desafio para a equipe gestora. Revista de Magistro de Filosofia, ano 3, n. 5, 2.º semestre 2010.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SILVEIRA, L. M. de O. B.; WAGNER, A. **Relação família-escola**: práticas educativas utilizadas por pais e professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, v. 13, n. 2, p. 283-291, jul/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a11.pdf>>. Acesso em: 80/06/2017.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 2. ed. Brasília: Liber livro, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina**: limite na medida certa. Novos paradigmas/ Içami Tiba. –Ed. Ver. Atual e ampli. – São Paulo: Integrare Editora, 2006.

TIBA, Içami. **Disciplina**: Limite na Medida Certa. 13 a. ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. (In)Disciplina: **Construção da disciplina consciente e Interativa em sala de aula e na escola**. 15ª ed. São Paulo: Editora Libertad, 2004 (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 4).

VASCONCELOS C. dos Santos. **Para onde vai o Professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 10. Ed. São Paulo: Libertad, 1996.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar**: fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009.

_____, Celso dos Santos. **Relação Escola-Família**: da acusação à interação educativa. In: AEC, Revista Educativa. Família e Escola: sentido e relações, n. 93, a. 23, out./dez. 1994.

_____, Celso dos Santos. **Disciplina**: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.

WISSMANN, L. D. M. **Autonomia em EaD** – uma construção coletiva. In: POMMER, A.; SILVA, E. W. da, WIELEWICKI, H. de G.; WISSMANN, L. D. M. W.; VERZA, S. Educação superior na modalidade à distância – construindo novas relações professor-aluno. Série Textos Didáticos. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

WITTMANN, L. C. **Prática em gestão escolar**. Curitiba: IBEP, 2004. 56 p.

ZAGO, N. **Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola**: Questionamentos e tendências em sociologia da educação. Revista Luso-Brasileira, Rio de Janeiro, 2011.

APÊNDICE A

Questionário aplicado para as professoras



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Prezado, você é convidado a participar da pesquisa intitulada “A Indisciplina na Escola: um obstáculo no ensino-aprendizagem”, realizada por Cláudia Cristina Araújo, pesquisadora do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais – FICS.

A pesquisa tem como objetivo compreender como a indisciplina escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e a importância do trabalho de parceria entre pais, alunos e professores.

Antecipo que em nenhum momento o seu nome será revelado e que sua identidade seja mantida em sigilo. Os dados aqui colhidos serão usados exclusivamente como fonte de dados e execução da referida pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Dados da Professora:

Grau de formação? () Magistério () Superior-cursando () Superior completo-graduado

Curso _____ de _____ Graduação em: _____

Pós-

Graduação: _____

O que a levou a escolher o caminho da Educação e mais especificamente ser professor (a) das séries iniciais? () Vocação () Outros

Qual? _____

Tempo de atuação na Educação:

() Entre 1 a 5 anos () Entre 5 a 10 anos () Entre 10 a 15 anos () Mais de 15 anos.

Questões específicas sobre a pesquisa:

1. Qual o significado de Indisciplina para você?

2. De que modo você acha que a indisciplina escolar interfere no ensino-aprendizagem do aluno?

Direta Indiretamente

3. Você acha que a indisciplina interfere no processo de ensino-aprendizagem em suas aulas?

Sim Não

4. Quais as estratégias que são utilizadas para a aprendizagem dos alunos em turma com alunos indisciplinados?

5. Como o trabalho pedagógico pode contribuir no enfrentamento da indisciplina?

6. Com a participação de pais, alunos e professores contribuem no enfrentamento da indisciplina de forma?

Excelente Boa Razoável

7. Lidar com o sucesso é simples e gostoso. Resultados “ruins” merecem atenção mais delicada, neste intuito como você trabalha a questão “indisciplinar” com seus alunos?

8. As dificuldades que você encontra para realizar o ensino diante a uma turma indisciplinar se encaixa na questão?

() Emocional e Psicológica () Social () Pedagógica

9. Qual a concepção do termo indisciplina está previsto no PPP da sua escola?

10. Você participa de programas de Formação Continuada que discutem esta temática?

() Sim () Não

Se sim, quais:

11. Você recebe orientação pedagógica para resolver os casos de indisciplina?

() Sim () Não

Se sim, indique quem a orienta e quais são as orientações?
